

Eduardo Dalabeneta
Aléssio da Rosa
Lara Emanuele da Luz Batisti



A FILOSOFIA DE EDITH STEIN

ANAIS

SIMPÓSIO DE FILOSOFIA

FACULDADE SÃO LUIZ

2022 • 2023 • 2024



SÃO LUIZ
COLÉGIO E FACULDADE



Silvano João da Costa

Direção geral

Aléssio da Rosa

Vice direção geral

Coordenação de Curso

Letícia Radavelli

Secretaria Geral

Edição 2022

Coordenação: MSc. Eduardo Dalabeneta, SÃO LUIZ; Dr. Aléssio da Rosa, SÃO LUIZ.

Comitê Científico: Dra. Halina Macedo Leal, FURB / SÃO LUIZ; Dra. Lara Emanuele da Luz, SÃO LUIZ; Dra. Clio Tricarico, UNIFESP.

Edição 2023

Coordenação: MSc. Eduardo Dalabeneta, SÃO LUIZ; Dr. Aléssio da Rosa, SÃO LUIZ.

Comitê Científico: Dra. Clio Tricarico, UNIFESP; Dra. Suzana Filizola Brasiliense Carneiro, PUC/SP; Dra. Lara Emanuele da Luz Batisti, SÃO LUIZ; Dr. Paulo Becher Júnior, SÃO LUIZ.

Edição 2024

Coordenação: MSc. Eduardo Dalabeneta, SÃO LUIZ; Dr. Aléssio da Rosa, SÃO LUIZ; Dra. Lara Emanuele L. Batisti, SÃO LUIZ.

Comitê Científico: Dra. Lara Emanuele da Luz Batisti, SÃO LUIZ; Dra. Clio Tricarico, UNIFESP; Dra. Ursula Annes Matthias, UFC; Dr. Gilfranco Lucena dos Santos, UFPB; Dra. Patrícia Espíndola de Lima Texeira, PUCRS.

A redação textual, as questões ortográficas, a interpretação e a opinião em relação aos textos de Edith Stein são da responsabilidade dos (as) respectivos (as) autores (as) das comunicações.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Simpósio de Filosofia (22 : 2024 : Brusque, SC)

Anais do XXII Simpósio de Filosofia, 11 a 13 de setembro de 2024 – Edith Stein: ontem, hoje e para além [recurso eletrônico] / Organizadores: Eduardo Dalabeneta, Aléssio da Rosa, Lara E. L. Batisti. Brusque: Faculdade São Luiz, 2024.

Disponível em: <https://www.saoluiz.edu.br/>

ISBN: 978-65-01-14241-8

1. Filosofia – Eventos. 2. Fenomenologia

I. Dalabeneta, Eduardo II. Rosa, Aléssio da III. Batisti, Lara E. L. IV. Título.

CDD 142.7

Eduardo Dalabeneta
Aléssio da Rosa
Lara Emanuele da Luz Batisti

Edith Stein: ontem, hoje e para além

Anais do XXII Simpósio de Filosofia
Brusque, 11 a 13 de setembro de 2024
Faculdade São Luiz

SUMÁRIO

I	Programações	04
II	Comunicações do Ano 2022	13
III	Comunicações do Ano 2023	16
IV	Comunicações do Ano 2024	50

I - PROGRAMAÇÕES

XX Simpósio de Filosofia - 2022

A ORIGINALIDADE DO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE EDITH STEIN

“Schlag an den Stein, und Schätze springen hervor”
“Bata na pedra e tesouros jorrarão!”

Esse aforismo, recebido carinhosamente do diretor no fim dos estudos primários, foi e se tornou um prenúncio da vida, dos estudos, das obras, como também das atitudes, das escolhas e da genialidade deixados como legado a nós pela pensadora Edith Stein.

O legado da filósofa alemã - para além da sua biografia emblemática, testemunho inquietante e fim trágico em Auschwitz - se ergue sobre os 27 volumes que constituem suas “Obras completas”: são estudos, artigos, conferências, planos de aula, manuscritos nos quais encontramos suas investigações sobre os mais diversos temas nas áreas da filosofia, da antropologia, da psicologia, da formação humana, da teologia etc.

Mantendo o espírito trienal com o qual os simpósios são realizados em nossa instituição, o 20º Simpósio, em 2022, será dedicado ao núcleo filosófico do pensamento de Edith Stein, àquilo que lhe é próprio e originário. Afinal, ela é filósofa em sua formação universitária, no método de investigação, nos temas e por meio dessa postura a pensadora ilumina regiões epistemológicas distintas com o rigor da reflexão filosófica. O 21º simpósio, que se realizará em 2023, será dedicado a dois campos de estudo sobre os quais a pensadora alemã se dedicou: as ciências da educação e a psicologia. Por fim, o 22º simpósio, no ano de 2024, se ocupará com os diálogos entre a filosofia steiniana e outras filosofias/filósofos (as), especialmente Tomás de Aquino e Martin Heidegger.

Estejam todos (as) convidados (as), sejam bem-vindos (as) à jornada de estudos sobre o pensamento de Edith Stein!

a. Convidados

Dr. Juvenal Savian Filho

Professor de História da Filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo. Doutor em filosofia pela USP (“A metafísica do ser de Boécio de Roma”). Desenvolve pesquisas que se concentram em filosofias desenvolvidas na Idade Média (especialmente a obra de Boécio de Roma) e em formas do pensamento contemporâneo que mantêm relações de continuidade com filosofias medievais (sobretudo os inícios da fenomenologia e de modo particular o pensamento de Edith Stein e Karl Rahner). Responsável pela edição das Obras Completas de Edith Stein para a língua portuguesa. Coordenador do GT “Edith Stein e o Círculo de Gotinga” (ANPOF) e coordenador do “Grupo de Pesquisa Edith Stein” (Unifesp).

Dra. Clio Tricarico

Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp - Bolsista CAPES), com estágio de pesquisa na Pontificia Università Lateranense (Itália) com o tema “A

identidade pessoal sob as perspectivas de Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius: um estudo sobre a essência singular do indivíduo humano”; Mestrado e Bacharelado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT - Bolsista CAPES). Membro do GT “Edith Stein e o Círculo de Gotinga” (ANPOF), do “Grupo de Pesquisa Edith Stein” (Unifesp) e do “Grupo de Estudos em Fenomenologia” (UFRGS). Membro do Comitê Científico da Edição Crítica em língua italiana das Obras Completas de Hedwig Conrad-Martius. Interesse no pensamento contemporâneo, em particular em Fenomenologia e Metafísica (Ontologia), com estudos sobre os pensamentos de Edith Stein, Edmund Husserl e Hedwig Conrad-Martius. Foco das investigações voltado para as questões referentes a identidade pessoal, consciência, sentido, ser, temporalidade e liberdade.

b. Programação

05/10/2022 Quarta-feira

19h15 - Abertura do Evento

19h30 - Conferência de abertura:

Título: “Introdução prática à fenomenologia por meio da leitura da obra Uma investigação sobre o Estado de Edith Stein” (Dr. Juvenal Savian Filho, UNIFESP)

Descrição: O mini-curso destina-se a quem deseja iniciar-se nos estudos da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl e de seus primeiros colaboradores, especialmente Edith Stein. Tomará por método a leitura da obra "Uma investigação sobre o Estado", de Edith Stein, porque a vantagem dessa leitura está em permitir visualizar a filosofia fenomenológica em ação. Essencialmente, a fenomenologia husserliana tem um caráter descritivo, e não interpretativo, como se fosse apenas mais uma interpretação de aspectos da realidade ou da realidade toda (sem deixar de implicar questões teóricas, para as quais se poderá apontar em função do interesse dos participantes). Por essa razão, em vez de oferecer mais uma teoria do Estado ou uma interpretação do que ele pode ser, Edith Stein, discípula fiel de Husserl até o fim de sua vida, procede a uma descrição da essência do fenômeno ao qual se costuma chamar de "Estado", o "Estado como tal", baseada sempre em experiências de formações estatais efetivas. Entre essas experiências, Edith indica aspectos de certo caráter polêmico para os hábitos mentais formados por concepções modernas do Estado. Por exemplo, ela nega a existência de um direito natural e defende que todo direito, apesar de possuir uma estrutura a priori, nasce e depende de cada Estado efetivo.

06/10/2022 Quinta-feira

8h às 11h30 - Minicurso

Título: “A identidade pessoal na perspectiva de Edith Stein: a influência do pensamento de Hedwig Conrad-Martius” (Dra. Clio Tricarico, UNIFESP)

Descrição: Uma das principais questões trabalhadas por Edith Stein acerca da pessoa humana consiste na autoformação de seu caráter. Segundo a filósofa, determinado por seu núcleo pessoal e condicionado pelas influências do ambiente em que está inserido, o indivíduo, ainda assim, é livre para moldar e mesmo alterar certos aspectos de sua personalidade, conservando, entretanto, sua identidade pessoal. Pretende-se mostrar que, nesse sentido, as análises steinianas encontram

fundamentação fenomenológica em alguns elementos constitutivos do ser humano, tal como compreendidos por Hedwig Conrad-Martius.

14h às 17h - Socialização científica

19h15 - Reabertura do Evento

19h30 - Mesa redonda

Título: Por que a essência singular é um problema filosófico? As contribuições da filosofia de Edith Stein

Descrição: Procurar-se-á identificar, em linhas bastante amplas, a origem do problema filosófico implicado pela afirmação de uma essência singular. Se, por princípio, toda essência é universal e dá a identidade das espécies nas quais se dividem todos os entes (conforme as linhas fundamentais dos mestres do Ocidente Platão e Aristóteles), permitindo ainda dar a definição do ente justamente por situá-lo em uma espécie, parece um contrassenso falar de essência singular. No entanto, autores cuja obra ofereceu grandes contribuições ao pensamento ocidental, seja em filosofia, seja em teologia, em ciência, em arte etc., operaram com a concepção de essência singular. O caso certamente mais conhecido é o de Duns Scotus (e alguns estudiosos chegam a defender hoje que mesmo na obra de Tomás de Aquino é possível encontrá-la). É esse também o caso de Edith Stein e de sua colega e amiga Hedwig Conrad-Martius. Resta saber como escapam da acusação de contrassenso. Tal problemática também corresponde, no caso do ser humano, ao chamado problema do "princípio de individuação". No exame da constituição da pessoa humana, Edith Stein denomina núcleo pessoal a essência de cada indivíduo, entendendo com essa noção o centro que determina o caráter peculiar de sua singularidade. Nesse contexto, pode-se considerar que núcleo e essência têm exatamente o mesmo sentido no que diz respeito ao princípio formal determinante de cada pessoa: a alternância entre os dois termos é feita apenas porque, na maioria das vezes, quando se fala de essência, pensa-se em algo geral e, nesse caso, Edith Stein se refere à essência de um único ser humano. A discussão procurará mostrar, portanto, que, em relação à noção husserliana de essência, a concepção de Edith Stein compreende, assim, uma diferença particular: seu caráter singular.

Debatedores: Dr. Juvenal Savian Filho (UNIFESP) e Dra. Clio Tricarico (UNIFESP)

07/10/2022 Sexta-feira

8h30 - Conferência de Encerramento

Título: "A filosofia do ser de Edith Stein" (Dr. Juvenal Savian Filho, UNIFESP)

Descrição: A expressão "filosofia do ser" é da própria Edith Stein e aparece nas obras em que ela revela maior maturidade no tratamento de questões metafísicas, sem deixar de conservar fidelidade à fenomenologia husserliana. Ela não procura "completar" a fenomenologia pela metafísica, porque a fenomenologia simplesmente não necessita de tal complemento. Ela também não vê, como faziam alguns autores de sua época (especialmente Jacques Maritain, de quem ela discorda com veemência), que a teologia seria como que a continuação "natural" ou "normal" da filosofia em geral nem da fenomenologia (até porque, neste último caso, não há fenômeno do ser ao qual se costuma chamar de "Deus"). Em outras palavras, para Edith Stein, não há metafísica que coroe ou fundamente a fenomenologia, nem teologia que leve o conhecimento filosófico a algum ápice, o que, todavia, não significa negar vínculos entre fenomenologia e metafísica, bem

como entre filosofia e teologia. Não era o que ocorria, porém, em termos tradicionais no século XIX e início do século XX, sobretudo de tipo neotomista ou neoescolástico. O interesse de Edith Stein, reafirmado por ela diversas vezes, era dialogar com a filosofia moderna, principalmente a filosofia crítica cartesiano-kantiana, mostrando que um pensamento que considera a experiência total da pessoa humana (incluindo a religião, e não a relegando ao campo da mera opinião privada) era legítimo e necessário. Assim, uma "filosofia do ser" consistirá na expressão de seu modo de descrever a experiência humana que chega a ser um *perfectus opus rationis*, obra acabada da razão, segundo a expressão de Tomás de Aquino, que ela assume e transfigura.

XXI Simpósio de Filosofia - 2023

CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DE EDITH STEIN À EDUCAÇÃO E À PSICOLOGIA

Mantendo o espírito trienal com o qual os simpósios são realizados em nossa instituição, neste ano de 2023, o 21º simpósio de Filosofia será dedicado a dois campos de estudo sobre os quais a pensadora alemã se aprofundou: as ciências da educação e a psicologia.

Aqueles que conviveram com Edith Stein, seus professores, seus (suas) amigos (a) e seus (suas) alunos (as) têm viva a lembrança dela ser uma educadora nata. Preocupada vivamente com o processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando professora de Língua e Literatura Alemã no Colégio das irmãs dominicanas, ela desenvolvia exposições muito didáticas tanto nas aulas que dava, como nas conferências que ministrava e nos escritos que publicava, unindo neles o rigor científico, a profundidade investigativa e exemplos compreensíveis aos estudantes com os quais interagia. Essas vivências pedagógicas estão na base de suas investigações sobre educação e no motivo de participar ativamente em grupos de estudos sobre educação na Alemanha. Seus escritos sobre educação (artigos, capítulos, conferências etc.) ultrapassam o montante de uma dúzia e ainda estão em vivo processo de estudo pelos especialistas espalhados pelo mundo a fim de esclarecer as contribuições que tem a oferecer a visão educativa de Edith Stein.

“Se a ideia de quem é o ser humano é de relevância decisiva tanto para estrutura de uma pedagogia como para o trabalho educativo, será de urgente necessidade para essas últimas possuir um firme apoio para essa ideia. A pedagogia que careza de uma resposta à pergunta ‘que é o ser humano?’ não fará outra coisa senão construir castelos no ar”.

Vivenciando os inícios da psicologia científica, Edith Stein estudou disciplinas de Psicologia na Universidade de Breslau entre 1911-1912. Durante esses estudos, a jovem estudante percebeu a grande dificuldade que havia nas aulas quanto aos termos usados e seus significados, bem como na descrição das vivências e dos fenômenos psicológicos que lhes davam origem. Posto isso, procurou investigar e explicitar os fundamentos filosóficos da psicologia tanto em suas pesquisas iniciais (como é o caso do estudo “Causalidade psíquica”) como na fase madura (como capítulos nas obras “A estrutura da pessoa humana”, “Potência e ato” e “Ser finito e eterno”). Uma curiosidade interessante é que em 9 de outubro de 1999, a Associação Italiana dos psicólogos e psiquiatras cristãos a elegeram como protetora e intercessora devido a sua contribuição científica e ao seu exemplo de vida autêntica e verdadeira.

“A pessoa humana leva e abarca ‘seu’ corpo vivo e ‘sua’ psique, porém, é, ao mesmo tempo, suportada e abarcada por eles. Sua vida espiritual se eleva de um fundo escuro, sobe como uma chama de vela brilhante, porém, nutrida por um material que ele mesmo não brilha”.

Estejam todos (as) convidados (as), sejam bem-vindos (as)! Que a nossa jornada de estudos inspirada no pensamento de Edith Stein sensibilize, problematize e ressignifique nossa vida cotidiana, nossas pesquisas/estudos e nossas buscas pessoais.

a. Convidados

Dra. Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Doutora em Teologia pela PUC/RS com tese intitulada “Aprender a reconhecer nas vivências juvenis o solo sagrado a partir dos princípios teológicos-pedagógicos da fenomenologia de Edith Stein”; Especialização em Psicopedagogia; Licenciada em pedagogia pela PUC/RS. Integra a equipe técnica-administrativa da Pró-reitoria de Identidade Institucional coordenando o Observatório Juventudes PUC/RS-Rede Marista.

Dr. Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Doutor em Psicologia pela USP/Ribeirão Preto com tese intitulada “Autenticidade e corporeidade na obra de Edith Stein”; Especialização em Logoterapia e Análise Existencial Frankliana; Bacharel em psicologia pela UFMG; Atua como professor em cursos de pós-graduação *latu sensu*, bem como realiza atendimentos clínicos em consultório particular.

b. Programação

04/10/2023 Quarta-feira

19h15 - Abertura do Evento

19h30 - Conferência de abertura

Título: A visão educativa de Edith Stein (Dra. Patrícia Espíndola de Lima Teixeira (PUC/RS))

Descrição: A conferência propõe-se a realizar um diálogo entre Educação e Teologia a fim de compreender a antropologia como diretriz pedagógica para a formação da pessoa humana, segundo Edith Stein (1891-1942). Isso pode ser constatado na obra “A Estrutura da Pessoa Humana - Der Aufbau der menschlichen Person” onde a pensadora enfatiza a integralidade da pessoa como corpo-psique-espírito. Ressaltando a importância da personalidade multidisciplinar da filósofa, parte-se do híbrido “vida e obra” da autora e, em sequência, será analisada sua concepção de “formação” e de “encontro” com o sentido do gesto de educar “desde dentro” das vivências, completando a exposição com a análise da pessoa humana sob a ótica da revelação cristã.

05/10/2023 Quinta-feira

8h às 11h30 - Minicurso

Título: Contribuições de Edith Stein para a formação de educadores (Dra. Patrícia Espíndola de Lima Teixeira (PUC/RS))

Descrição: As contribuições steinianas ao campo educativo partem dos estudos em fenomenologia articulados com a antropologia filosófico-teológica. Edith Stein aponta para a base antropológica como primazia de toda a atividade formativa, identificando a totalidade, a unicidade e a irrepetibilidade com que cada pessoa é constituída e invocada a uma vida de reciprocidade com o outro. A cultura, a linguagem, o desenvolvimento da razão e a arte, por exemplo, são fontes de educação da condição humana. Como maior esfera formativa, a pedagogia steiniana ressalta a articulação docente que ao ensinar assume a graça divina que perpassa a natureza humana.

14h às 17h - Socialização científica

19h15 - Reabertura do Evento

19h30 - Conferência de encerramento

Título: “A Psicologia ‘com alma’ segundo Edith Stein” (Dr. Achilles Gonçalves Coelho Júnior)

Descrição: Partindo do método fenomenológico husserliano, Edith Stein chega a identificar a alma como um recurso teórico para descrever a diferença entre os entes e destaca o modo próprio de ser pessoa, analisando várias vivências que lhe são específicas. O termo “Psicologia com alma” comparece na obra steiniana para se contrapor a um tipo de Psicologia que limita a complexidade dos fenômenos psíquicos a efeitos de sensações e processos naturais. A retomada desse conceito pela Psicologia Contemporânea pode contribuir para compreender problemas centrais como o determinismo, a liberdade, a personalidade autêntica, entre outros. A análise de processos pessoais, relacionais e de sofrimento humano à luz do conceito de alma, assim como discutido por Stein, favorece uma compreensão mais correspondente à complexidade da existência humana.

06/10/2023 Sexta-feira

8h às 11h30 Minicurso 2

Título: Contribuições de Edith Stein para o atendimento psicológico (Dr. Achilles Gonçalves Coelho Júnior)

Descrição: O minicurso visa discutir alguns aspectos da antropologia filosófico-fenomenológica de Edith Stein que podem contribuir para fundamentação teórica de atendimentos da clínica psicológica. Temas como a formação da pessoa, empatia, comunidade, energia vital, personalidade autêntica, entre outros, analisados à luz da fenomenologia clássica da autora, podem favorecer diretamente a compreensão dos processos pessoais vivenciados na clínica, inclusive do sofrimento humano contemporâneo, auxiliando os profissionais psicólogos (ou aqueles que buscam fundamento de suas intervenções na Psicologia) a considerar a complexidade do acontecer humano. A relação terapêutica e o processo de mudança pessoal vivenciado no acompanhamento psicológico serão discutidas à luz da filosofia de Edith Stein.

XXII Simpósio de Filosofia - 2024

EDITH STEIN E SEUS DIÁLOGOS COM OUTRAS FILOSOFIAS: ONTEM, HOJE E PARA ALÉM

O XXII Simpósio de Filosofia da Faculdade São Luiz é dedicado ao pensamento de Edith Stein como nas edições anteriores. Nesta edição que encerra o ciclo trienal, iremos nos dedicar ao estudo dos (as) pensadores (as) com quem a filósofo dialogou no âmbito de sua filosofia, bem como com seu modo de abordagem a temas e problemas filosóficos que continuam atuais. Espera-se, assim, estimular um debate fecundo entre especialistas, pesquisadores, estudantes e comunidade em geral que possibilite a abertura de novos horizontes de estudos para os participantes do evento, tanto no âmbito da filosofia como no campo das demais áreas do conhecimento.

a. Convidados

- Dra. Clio Tricarico (UNIFESP)

Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp - Bolsista CAPES), com estágio de pesquisa na Pontifícia Università Lateranense (Itália); linha de pesquisa Metafísica, Ciência e Linguagem. Mestrado e Bacharelado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT - Bolsista CAPES). Membro do GT Edith Stein e o Círculo de Gotinga (ANPOF) e do Grupo de Pesquisa Edith Stein e o Círculo de Gotinga (Unifesp). Editora de revisão e de tradução do periódico acadêmico Ekstasis (Qualis Capes A3) e membro do Comitê Científico da Edição Crítica em língua italiana das Obras Completas de Hedwig Conrad-Martius. Interesse no pensamento contemporâneo, em particular em Fenomenologia e Metafísica (Ontologia), com estudos sobre os pensamentos de Edith Stein, Edmund Husserl e Hedwig Conrad-Martius.

- Dr. Gilfranco Lucena dos Santos (UFPB)

Pesquisador e professor (Graduação e Pós-graduação) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lotado no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Leciona Estética nos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Filosofia pelo Programa de Doutorado Integrado UFRN-UFPB-UFPE (2011). Foi professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2009-2014). Tem desenvolvido pesquisas no campo da Estética fenomenológica e hermenêutica especialmente em torno do pensamento de Martin Heidegger e Edith Stein.

- Dr. Juvenal Savian Filho (UNIFESP)

Pesquisador e professor de História da Filosofia (Graduação e Pós-graduação) no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutor, Mestre e bacharel em filosofia pela USP. As pesquisas concentram-se em filosofias desenvolvidas na Idade Média (especialmente a obra de Boécio de Roma) e em formas do pensamento contemporâneo que mantêm relações de continuidade com filosofias medievais, sobretudo os inícios da fenomenologia e de modo particular o pensamento de Edith Stein e Karl Rahner.

- Dra. Ursula Annes Matthias (UFC)

Pesquisadora e professora (Graduação e Pós-graduação) da Universidade Federal do Ceará (CE). Possui doutorado em Filosofia pela Universidade Pontifícia da Santa Cruz, Roma, Itália (1996), mestrado em Filosofia pela Universidade Pontifícia da Santa Cruz, Roma, Itália (1994), bacharelado em Filosofia pela Universidade Pontifícia Salesiana Roma, Itália (1992). Atualmente desenvolve pesquisa nos seguintes temas: Filosofia Medieval, Antropologia, Fenomenologia, Edith Stein.

b. Programação

11/09/2024 Quarta-feira

19h15 - Abertura do Evento

19h30 - Conferência 1:

Título: Edith Stein e os “Círculos filosóficos”: amigas e diálogos colaborativos (Dra. Clio Tricarico (Unifesp))

12/09/2024 Quinta-feira

8h às 9h45 - Conferência 2:

Título: Edith Stein e Dionísio Pseudoareopagita: diálogos epistemológicos e metafísicos (Dr. Gilfranco Lucena dos Santos (UFPB))

10h15 às 12h - Conferência 3:

Título: Edith Stein e Teresa de Ávila: diálogos antropológicos e místicos (Dra. Ursula Annes Matthias (UFC))

14h às 17h - Socialização científica

19h - Mesa-redonda:

Título: Por que a questão da liberdade é um tema recorrente na filosofia de Edith Stein?

Descrição: a mesa-redonda pretende ser um exemplo efetivo de atividade filosófica colaborativa semelhante aos “Círculos filosóficos” dos quais participou Edith Stein. A partir da questão da liberdade, os especialistas presentes, introduzidos no tema pelo mediador, apresentarão suas considerações com base em distintas abordagens do pensamento steiniano (ontológica, ética-social e teológica).

Mediação: Dr. Juvenal Savian Filho (UNIFESP)

Debatedores: Dra. Clio Tricarico (UNIFESP), Dr. Gilfranco Lucena dos Santos (UFPB) e Dra. Ursula Annes Matthias (UFC)

13/09/2024 *Sexta-feira*

8h às 9h45 - Conferência 4:

Título: Subjetividade e intersubjetividade na experiência religiosa segundo Edith Stein (Dr. Juvenal Savian Filho (UNIFESP))

10h15 às 12h - Encerramento institucional

- Apresentação dos Anais dos simpósios dedicados ao pensamento de Edith Stein;
- Apresentação do(a) filósofo(a) para os estudos no triênio 2025-2027 e da nova coordenação dos simpósios de filosofia;

CORPO E CORPOREIDADE EM EDITH STEIN

Evanderson Luiz de Abreu

Mestrando em Filosofia - Pontifícia Universidade Federal do Paraná/PR

Orientador: Prof. Dr. Bortolo Valle

Resumo: Nosso trabalho apresenta o seguinte problema de pesquisa: De que modo a partir da afirmação da tripla constituição do humano é possível falar de apropriação do corpo? Como se dá, em Stein, a passagem da consciência de ter um corpo para aquela de ser um corpo? Deste modo, diante da vida e das obras de Edith Stein, nossa hipótese é que a concepção de corpo permite a passagem da consciência de ter um corpo para ser um corpo. Edith Stein, inserida no contexto fenomenológico suscitado por Edmund Husserl, assume ser o corpo a dimensão mais específica do ser pessoa humana. Com seus trabalhos, revoluciona todo o tratamento histórico dispensado ao corpo desde os gregos. Frente aos dualismos imperantes, é reivindicada uma tripla constituição do homem enquanto corpo, alma e espírito. De suas reflexões emerge a convicção de que mais do que corpo o homem se expressa numa corporeidade efetivada por meio das relações empáticas. Se, historicamente, se estabeleceu a convicção de que o homem tem um corpo, agora desde as reflexões de Stein emerge a consciência de que sé é um corpo. Embora os trabalhos sobre a autora tratem com bastante propriedade essas particularidades, a questão de uma possível apropriação do corpo ainda permanece aberta a estudos. Esta pesquisa se justifica pelo fato de buscar compreender e de que modo, pela superação das dicotomias corpo-alma, é possível afirmar que o homem é seu corpo. Além disso, a pesquisa se justifica, também, pelo propósito de abordar o problema da possível ou não apropriação do corpo. Os diversos processos de conhecimento, descritos pela Fenomenologia, estão ligados ao reino do espírito, pois em meio a tantas possibilidades, o indivíduo é convidado a escolher livremente. Neste reino, encontra-se a razão, e as suas funções de questionar, de pensar e refletir sobre a natureza e o próprio ser humano. Essas dimensões constituem o homem em ser vivente e juntas fazem do homem um ser integral, total, complexo se integradas e harmoniosas. Desta forma, o homem é um ser “psicofísico e espiritual”, isto é, segundo Stein, “se podemos desenvolver uma primeira percepção sobre os distintos estados do reino do ser, e tomamos o homem como um microcosmo, podemos dizer que nele se unem todos esses estados: ele é coisa material, é ser vivo, ser animado, e é pessoa espiritual (STEIN, 1932-33/2003, p. 592-593). Segundo a concepção de empatia desenvolvida por Edith Stein, possuímos a estranheza do corpo, que nos coloca diante da questão fundamental da posse provisória do corpo, nisso se dá a apropriação dele, que nos coloca diante do ter um corpo para ser um corpo e para que a pessoa humana possa entender essa passagem é necessário o outro, isto é preciso saber do meu corpo através do corpo do outro. O caminho que está sendo seguido é aquele de expor o contexto fenomenológico como substrato para corporeidade no pensamento de Edith Stein; apresentar a constituição do corpo (Körper e Leib) em sua conexão com a Alma e o Espírito no contexto da fenomenologia de Edith Stein; descrever, a partir da concepção de empatia, a possibilidade da apropriação do corpo no interior da constituição corporal da pessoa humana. A pesquisa está sendo desenvolvida a

partir de uma metodologia exploratório-bibliográfica, sustentada pela análise crítica e conceitual da bibliografia primária e secundária selecionada. O processo está sendo desenvolvido metodologicamente em três fases. A primeira das fases compõe-se da realização das leituras sobre a questão do corpo na história da filosofia, sobretudo no período do século XVIII em que o psicologismo ganhou força dentro das reflexões filosóficas até chegar à fenomenologia de Edmund Husserl e a aplicação dela, feita pela sua discípula Edith Stein. Na segunda apresentaremos a constituição do corpo para Edith Stein, assim como a tríade steniana (Espírito, Alma, Corpo) na fundamentação e contexto fenomenológico. A terceira fase descrever-se-á a concepção de empatia, buscando analisar o conceito de apropriação do corpo na constituição corporal da pessoa humana além de fazer paralelos com outros autores contemporâneos.

Palavras-chave: Edith Stein; Corpo, Corporeidade.

UMA INTRODUÇÃO AO SOFRIMENTO ESPIRITUAL A PARTIR DA ANTROPOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN

Lucas Oliveira Mendes

Mestrando em Filosofia - Universidade Federal de Uberlândia/MG

Orientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Resumo: O sofrimento é um fenômeno essencialmente humano e que apresenta um caráter complexo, sob algumas facetas, tais quais podem ser conhecidas como dimensões: física, psíquica e espiritual. Sendo algo indesejável e não buscado pelo humano, o sofrimento impõe-se inevitavelmente sobre a existência humana, tornando-se um fenômeno que atrai a ótica fenomenológica com seu rigor investigativo. Tendo a filosofia refletido por vezes sobre o sofrimento, as angústias e todas as intempéries que atravessam a existência humana, não há de se ignorar, no presente trabalho, a possibilidade de encarar o ser humano assaltado pelo sofrimento como um ser sofrente. Não se pode aceitar que o sofrimento seja visado por uma ótica cientificista-positivista, que resulta em compreensões reducionistas e distorcidas, ao contrário é nesse contexto que se ergue a Fenomenologia, cujo trabalho aqui desenvolvido apresenta-se como pretensão de esclarecer uma Fenomenologia do sofrimento espiritual sob a perspectiva da antropologia fenomenológica de Edith Stein (1891-1942). Sendo assim, filosofar acerca do sofrimento implica filosofar sobre a essência da pessoa humana, o existir do humano na sua mais íntima, profunda e particular dimensão que não é outra senão a espiritual. Stein contribui ricamente com essa abordagem ao esboçar uma antropologia fenomenológica; retirou o véu das estruturas que compõem a pessoa humana e aos cuidados e fidelidade ao método fenomenológico, inaugurado por seu mestre Edmund Husserl (1859-1938), ela não descansou até descobrir fragmentos que foram ignorados por reducionismos que perderam o ser humano entre tantas definições e falsas compreensões que não pertenciam a ele mesmo. Ademais, ao analisar algumas obras de Stein, pode-se ver quão profunda relação ela teve com a pessoa humana, mas também com o tema do sofrimento, uma vez que tal fenômeno permeou toda sua vida, perpassou os anos de inquietação na jornada em busca da verdade. Em síntese, a partir

das descrições antropológicas-fenomenológicas elaboradas por Stein e desvelar a constituição da pessoa humana em seus níveis físico, psíquico e espiritual, pode-se considerar a conclusão de que o sofrimento manifesta-se em cada um dos citados níveis, por isso a presença de um sincero e profundo filosofar se faz necessário para desfazer qualquer negligência acerca do que é especificamente humano; e, nesse caso, não apenas o sofrimento, mas, sobretudo, a dimensão espiritual, que quando acometida pelo inevitável sofrer, desvela-se como sofrimento espiritual.

Palavras-chave: Sofrimento; Fenomenologia; Sofrimento espiritual; Antropologia fenomenológica; Edith Stein.

EVERARDO BACKHEUSER: UM ESCOLANOVISTA CATÓLICO

Rarden Luis Reis Pedrosa (Bolsista Capes)

Mestrando do Programa de Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP

Orientador: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

Resumo: O presente artigo aborda o contexto biográfico de Everardo Adolpho Backheuser e sua atuação intelectual no campo educacional, disputado entre os pioneiros e católicos durante as décadas de 1920 a 1950. Além disso, apresentamos as diversas influências deixadas pela produção acadêmica de Everardo, contextualizando, no período histórico, a força crescente da Igreja Católica no âmbito educacional brasileiro. O objetivo principal do artigo é situar o geógrafo, geopolítico, engenheiro, professor, comunicador e deputado dentro da educação brasileira e compreender como se apropriou do ideário da Escola Nova a partir dos fundamentos da Igreja Católica. Num primeiro momento, apresentaremos o cenário da época com opiniões dialéticas entre o Estado e a Igreja Católica, em seguida, demonstraremos uma trajetória biográfica de Everardo até a sua conversão ao catolicismo em 1928, fato muito marcante para difusão de suas ideias e legitimidade de sua influência no campo educacional pedagógico. Em terceiro lugar, abordaremos o mesmo ano de 1928, destacando alguns episódios históricos, que contribuíram para legitimar sua intelectualidade no campo educacional. Em seguida, analisaremos sua vida após a conversão à fé católica até seu falecimento em 1951. Por fim, iremos apresentar alguns aspectos de sua produção intelectual e como Everardo foi articulando sua voz no meio acadêmico, eclesial, político e pedagógico no Brasil. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos a metodologia bibliográfica-teórica, trazendo para a análise artigos de especialistas renomados em Everardo, bem como, algumas reflexões de suas próprias obras. Além disso, pesquisamos em jornais e revistas do contexto da época, que destacaram a figura de Everardo, para compreender os meios de divulgação de suas ideias e como este alcance se deu no âmbito nacional. Portanto, apresentamos o itinerário de um dos grandes expoentes da educação brasileira neste período agitado. Everardo foi representante de um escolanovismo católico e conhecido como possuidor de uma “pujante cultura”. Assumiu ao longo de sua vida diversas funções, formado em muitos campos do saber, foi engenheiro, geógrafo, geólogo, jornalista, pedagogo e até deputado estadual.

Palavras-chaves: Everardo Backheuser; Escola Nova; Igreja Católica; Educação.

REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DA PESSOA E DA COMUNIDADE NA FILOSOFIA DE EDITH STEIN

Ezequiel Gonçalves Cipriano

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Edith Stein, filósofa e teóloga alemã do século XX, nos convidam a refletir sobre a importância da pessoa em uma comunidade. Segundo Stein, não podemos entender um indivíduo isoladamente, mas sim em relação aos outros e ao ambiente em que está inserido.

A comunidade desempenha um papel central na formação da identidade e das experiências individuais. Ao analisar a interação entre pessoa e comunidade, Stein nos ajuda a compreender melhor nosso papel como seres humanos e a importância de nos conectarmos com os outros. Suas ideias são tão relevantes hoje quanto no passado, já que vivemos em uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada.

Ao estudar as contribuições de Edith Stein por meio da perspectiva de Ângela Ales Bello, podemos encontrar pistas valiosas para a construção de uma comunidade mais solidária e inclusiva.

Vivência como ponto de partida: psique e consciência

Ângela Ales Bello explora as afirmações de Edith Stein sobre a vivência como ponto de partida. Stein destaca a importância do tempo no fluxo contínuo das vivências e como a temporalidade está ligada à consciência.

Ela ressalta que a consciência está em constante mudança e é capaz de perceber e apreender diferentes estados psíquicos. A autora também discute a relação entre a causalidade psíquica e a ideia de uma "força vital", mostrando como a vida psíquica vai além das meras causas e efeitos.

Além disso, Stein investiga a relação entre a força vital e os estados e sentimentos vitais, ressaltando como a vida psíquica está enraizada nessa força. A autora destaca a importância da consciência na compreensão da vida psíquica, em conjunto com a esfera passiva.

Vida do espírito: sentido, razão e liberdade

É importante estudo sobre a vida do espírito. A autora Stein explora de maneira profunda a relação entre a atividade consciente da psique e a vida espiritual.

Nossos atos são motivados por intenções e como essas motivações atribuem sentido às nossas ações. Além disso, Stein investiga a conexão entre a razão, motivação e sentido, mostrando como a razão influencia nossas decisões e o significado que damos a elas.

A liberdade também é discutida, como um aspecto essencial para a vida espiritual, afetando diretamente nossa capacidade de fazer escolhas conscientes. A autora introduz ainda conceitos como existência, essência e epoché, mostrando como eles se relacionam com a vida do espírito.

Para Stein, a motivação não está apenas ligada aos atos voluntários, ainda que esses sejam os mais importantes. A motivação é a lei que vem desde a percepção. Quando digo "eu vou para entender porquê", faço uma escolha, decido ir: é uma motivação de grau elevado. Tudo o que se refere à atividade do eu é espiritual: não é um nível passivo, mas de atos. (ALES BELLO, 2015, p.59).

Stein analisa a natureza dos atos livres, diferenciando-os dos impulsos automáticos, e como a liberdade influencia os caminhos que seguimos.

Pessoa, comunidade e sociedade

Para poder entender melhor este assunto, é preciso fazer uma análise profunda sobre a vivência e a experiência. Stein destaca que a vivência individual é importante, mas ressalta a importância da experiência compartilhada na comunidade, explorando assim, a natureza do ser humano, mostrando como corpo, psique e espírito se entrelaçam para formar um ser completo.

Para Stein, o humano é um ser único, exclusivo, que merece atenção devida particular. Ressalta em sua obra que todo homem, só alcançará sua verdadeira alegria, vivendo e atuando dentro da comunidade

O texto discute o núcleo da pessoa como um princípio identitário, ressaltando o que nos torna únicos e como a consciência da diferença do outro é essencial para nossa vida espiritual. A relação entre indivíduo e comunidade é abordada, enfatizando a importância da comunhão com os outros e o papel fundamental da comunidade em nossa vida.

Bello faz uma distinção entre vivências pessoais e comunitárias, mostrando como as experiências individuais se conectam com as experiências compartilhadas. Ela contrasta a verdadeira comunidade com a ideia de "massa" e "contágio psíquico", destacando a importância da consciência da diferença do outro.

Comunidade é conceito muito presente na cultura alemã pela tendência a valorizar a coletividade mais do que a singularidade (em contraste com o mundo latino em geral, que tende ao individualismo). O mundo germânico mantém fortes e antigos vínculos tribais (entendido como comunidade de sangue, parentela e amizade). (ALES BELLO, 1999 p.87).

Também é examinada a diferença entre comunidade e sociedade, enfatizando a interação humana e a vida em grupo. A relação entre o núcleo da comunidade e a liberdade é explorada, mostrando como a liberdade desempenha um papel crucial na formação e preservação da comunidade.

Stein aborda a relação entre a estrutura da pessoa e a psicologia. Ela ressalta a importância de compreendermos a estrutura do ser humano para um estudo adequado da psicologia. Na obra mencionada é discutido sobre a diferença entre as ciências da natureza, como a física e a biologia, e as ciências do espírito, como a psicologia e a sociologia.

É explorado como essas duas categorias de ciência abordam aspectos distintos da realidade. Stein questiona a posição da psicologia entre essas duas categorias, considerando como ela lida tanto com elementos naturais quanto espirituais.

A autora também destaca a importância de levar em conta o contexto cultural e histórico ao estudar os fenômenos humanos. É necessário discutir a diferenciação das ciências do espírito empíricas, baseadas na observação e experiência, e ciências do espírito apriorísticas, baseadas em princípios teóricos e conceitos fundamentais.

Existe um conceito de Stein sobre os diferentes aspectos da filosofia, como a relação entre pessoa, moralidade e política. Bello destaca a importância de considerar a dignidade e os direitos individuais ao abordar ética e política.

É explorado a conexão entre psicologia, psicopatologia e fenomenologia, destacando como a última pode ser aplicada na compreensão dos fenômenos mentais e emocionais. Mais especificamente, Stein discute a relação entre fenomenologia e psicopatologia, ressal-

tando como essa abordagem pode beneficiar a compreensão das experiências das pessoas com transtornos mentais.

A exploração da conexão entre fenomenologia e existencialismo é também destacada, enfatizando a ênfase na experiência subjetiva e na existência individual, apesar das diferenças entre as duas correntes filosóficas.

Considerações finais

Ângela Ales Bello nos presenteia com uma obra que nos conduz a uma profunda análise da filosofia de Edith Stein. Através dos capítulos, somos levados a refletir sobre a complexidade da vida psíquica, a consciência e a vida espiritual.

A interconexão entre tempo, consciência e causalidade psíquica é destacada, assim como a importância da liberdade na vida espiritual. A união entre corpo, psique e espírito na constituição da pessoa também é abordada, assim como a relação entre estrutura da pessoa e psicologia.

Os desdobramentos filosóficos no campo da moralidade e política também são explorados. Essa obra nos convida a uma profunda reflexão sobre a complexidade da existência humana e seu vínculo com a filosofia de Edith Stein.

Referências

ALES BELLO, Angela. **Pessoa e Comunidade**. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

STEIN, Edith: **Uma Ricerca Sullo Stato**. Tradução de A.Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

A CONCEPÇÃO DE MAL EM EDITH STEIN: UMA ANÁLISE METAFÍSICO-MORAL

Gustavo Vambommel

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

A problemática do mal assola a realidade humana desde o seu início. Já no período anterior à filosofia, nos mitos fabulosos de Homero e Hesíodo, o homem e os deuses são tratados numa relação antagônica entre bem e mal. Onde a ideia de mal, muitas vezes assume uma perspectiva de princípio contrário ao bem, que é o causador da maldade do homem e de toda imoralidade. Mas será na filosofia cristã, especialmente em Agostinho e Tomás de Aquino que o tema tomará sistematicidade e respostas mais assertivas serão dadas. Para esses pensadores, o mal não é princípio em si, mas é, metafisicamente, a privação da bondade divina, nos graus de perfeição da criação; e moralmente, a livre decisão dos homens ou anjos que se voltam contra Deus.

Com essa visão patrístico-escolástica é que Edith Stein vai se comunicar ao tratar a temática do mal, perpassando a tradição filosófica cristã sob o olhar e método fenomenológico de Edmund Husserl. Que trará uma visão principalmente filosófica, mas

também teológica para a ideia de mal, bem como, resgatará o enfoque metafísico-moral decorrente dele. Além disso, a realidade dos anjos maus e da perversão do homem contra Deus serão usados como imagens conceituais para demonstrar a veracidade e profundidade do pensamento da autora.

O primeiro aspecto importante ao abordar o tema é a contextualização da realidade do mal nos escritos de Edith. Nesse caso, a problemática é abordada na grande obra do *ser finito e eterno* (utilizando a tradução espanhola para a língua portuguesa), especificamente no capítulo VII do livro, que fala da imagem da trindade na criação. Em especial, no que diz respeito aos espíritos puros criados, os anjos, sua relação com o criador e com os homens. Sendo assim, Stein tratará do mal, no aspecto da possibilidade e realidade da relação entre criatura e Deus, que, mesmo tendo criado seres livres, não os priva da realidade de uma potência de obediência, pelo ato da conferência do ser, da criação.

O ponto de partida é, exatamente, a discussão entre possibilidade e realidade. Os anjos, como espíritos puros, não têm mais a possibilidade de desenvolver-se, uma vez que são seres acabados, ou seja, tudo neles já está realizado e existente. Desse modo, eles possuem a “potentia oboedientialis, a capacidade de receber o ser divino” e, assim como os homens, herdamos como o amor transbordante que passa do criador para a criatura. Mas, o ser doado à criatura é diferente do ser divino, mas ainda está nele, porque, segundo Stein, Deus abarca a totalidade de todos os entes existentes. Nesse aspecto, a graça divina une Criador e criatura livre, da mesma forma que o caule une as folhas à raiz de uma árvore, e assim, cria-se um vínculo da graça divina, como se as folhas pudessem também existir sem as raízes, mas só nelas que encontraria pleno vigor, unidas ao criador.

Desse modo, o ser livre deve receber a graça de forma disponível, no sentido que precisa obedecer também a Deus, livremente. Outrossim, a liberdade é fundamental para a comunicação da graça e sem ela não se teriam seres de natureza livre, para receber sua ação. Contudo a natureza não é propriamente livre, ela deve obedecer às implicações essenciais de cada criatura pelo ato criador e, nesse aspecto não há escolha: o anjo é anjo e não pode mudar-se em sua natureza, assim como o homem é homem e não pode evoluir do seu aspecto natural. Sendo que essa perspectiva de natureza se refere à condição de criatura que deve obedecer ao criador e não qualquer caráter essencial do ser criado. No caso dos anjos, “eles são colocados com sua natureza na existência”, por isso, não podem desenvolver-se pela liberdade, pois são condicionados a essa mesma natureza angélica, onde estão em relação com o criador, que é, por natureza, total e verdadeiramente livre.

Mas, as criaturas livres podem não aceitar a sua própria natureza, num ato de recusa ante o criador. O anjo pode se afastar dela, dissolvendo sua relação com Deus e assumindo, como Lúcifer, a usurpação do seu lugar. Nesse caso, a única via para ele é a da auto separação de Deus. “À criatura é dado um conhecimento, que não vem dela, mas de algo que é superior e nesse caso, cabe a ela apenas aceitá-la ou não”. Por isso, a atitude do homem que mais se assemelha a dos anjos maus é a de crer no incrível e de negar o que é digno de fé. Ou seja, negar a realidade mais imediata para o bem à sua frente e aceitar outras realidades mais distantes, que por vezes podem levá-lo ao mal.

Voltando-se para a realidade angélica, nossa imagem força, que exemplifica a realidade da origem do mal e da possibilidade no ser, podemos acrescentar outro ponto importante. O anjo, como ser acabado e pronto, recebe o conhecimento de Deus. Nesse

caso, pela imperturbabilidade que o ser puro lhe confere, através da não existência da matéria corporal, uma vez que nega a adesão ao criador, nega também sua própria realidade de ser, que contém o mesmo conhecimento conferido pelo criador. Com isso, a criatura que sabe que sua natureza é inferior à do criador, ao se fazer igual a ele, o faz de forma mentirosa, por isso que Lúcifer pode ser chamado de “o pai da mentira”, pois sabendo da verdade divina preferiu tentar destruí-la e sofrer as consequências disso.

Dessa forma, o anjo que, sendo criado espírito de conhecimento, e busca pela verdade, agora tenta negá-la, recusando sua própria natureza. Se sua realidade dependesse apenas dele mesmo, com o ato mal do anjo pretendido, ele se autodestruiria. Mas, como a sua existência e criação vem de Deus, como ser realmente livre, a sua negação pela obstinação angelical nada mais é que a reafirmação da grandeza do criador e a pequenez da criatura, que, negando a natureza com a qual foi criado, na verdade, só se condena como “ser inútil”. Sendo um ser voltado contra Deus, o anjo-mal tem ódio de toda criatura que está voltada para o criador. Desse modo, odeia também todo ente que respeita a hierarquia do ser da criação e que não seguiu seu caminho de usurpação desgraçada ao trono de Deus. Com isso, o demônio, como imagem do mal, não quer deixar de existir, mas quer que as outras criaturas livres também façam a mesma escolha que ele.

A autora, dando continuidade ao pensamento por outra perspectiva. Se comunica como o pensamento do Pseudo Dionísio o areopagita, que concordando também com São Tomás, afirma que todo ente criado por Deus é bom. Dessa forma, mesmo os anjos maus são, em essência, bons, sendo que o mal apenas uma deficiência no ser deles (Cf. Areopagita). Além disso, Stein, se utilizando da tradição explícita dois erros quanto à interpretação da doutrina do mal: o dos maniqueus, que acreditavam ser o mal um princípio absoluto como o bem e o que admite o mal como também oriundo de Deus, que o teria criado com os outros entes.

A resposta para os dois desvios de verdade a respeito do mal, perpassa um mesmo caminho de resposta pela teologia-filosofia cristã. O mal não é um ente independente, criado como os outros. Mas sim é sempre reflexo, se refere a outro ente que o pratica, nesse caso, anjos ou homens. Assim, o ser que o pratica livremente não é “defeituoso”, por criação divina, mas sim, é mal, porque escolhe praticar a atitude malvada, pela usurpação de sua própria natureza. Por isso, o mal, nada mais é a atividade livre de negação ante a vontade do criador, já expressa na criação, fazendo uma usurpação da natureza da criatura. Portanto, a possibilidade do mal provém da liberdade da criatura em aceitar a graça divina, mas não decorre propriamente dela, mas sim da escolha do ser criado.

O mal tem a força de “transtornar” a natureza daquele que o pratica, de forma a lhe modificar formando um ser “invertido”. Por isso, Edith vai empregar o termo da “obstinação”, como imagem da criatura que se volta livremente contra a natureza e a graça divina. O próprio significado do termo, etimologicamente, já pressupõe o que a autora quer dizer com isso. Obstinar significa estar apegado firmemente às suas ideias que implica em uma “teima” e firme decisão de segui-las. Assim o ser que escolhe virar a face contra a graça divina se apegando ao seu ideal de corrupção, dificultando o regresso ao Criador, que pode ou não acontecer, dependendo de qual criatura está se falando.

No caso dos homens, o arrependimento e a redenção divina são possíveis, devido, segundo Stein, “à natureza transitória e o devir temporal” com o qual podem retornar à

natureza originária, antes da queda, e por isso se renovarem na graça divina. Porém, esse não é o caso dos anjos, que, sendo espíritos puros e acabados, uma vez que fizeram sua escolha obstinada não podem voltar atrás, sendo sua queda uma “perversão radical”, sem possibilidade de retorno à graça do criador. Desse modo, uma vez feita a escolha, não há mais a possibilidade de ascensão a Deus pela graça. As folhas da árvore, não se comunicam mais com a raiz, e serão destinadas a permanecer eternamente secas, mas existindo, mesmo longe das raízes do criador.

Em suma, Edith Stein, traçando um caminho fenomenológico e relacionando diversos autores da tradição cristã, como Agostinho e Tomás de Aquino. Chega a uma visão metafísico-moral da realidade do mal, traçando não só os aspectos originários da criação, mas também a realidade da relação entre Deus e a criatura, além de suas consequências ontológicas. O mal, como princípio absoluto, não existe no pensamento steiniano, mas é a atividade de obstinação e protesto da criatura ante sua natureza finita e a natureza infinita do criador. Desse modo, a usurpação do trono de Deus acarreta uma negação da própria natureza da criatura e seu distanciamento do criador e, conseqüentemente, acarretando em sua condenação.

Com isso, pode-se ver também que o mal não é um ente que existe por si mesmo, mas sim, que é reflexo, relacionado a outro que o pratica livremente. Esse ponto é crucial: a liberdade, pois só há mal ante a escolha livre da criatura de negar sua própria natureza. O ser livre, mesmo tendo sido criado livre, ainda obedece à hierarquia metafísica no grau da doação do ser “do Criador para a Criatura”, lei eterna e intransponível. Dessa forma, uma vez desrespeitada pelo homem, ainda há possibilidade de redenção. Mas se um anjo, espírito puro, acabado, quebrar a lei espiritual-metafísica nunca irá se arrepender. Porque como ser intelectual, sem matéria, será eternamente obstinado a atividade malvada, por decisão definitiva, uma vez que rompeu de forma permanente a ligação com a graça e, mesmo sendo bom essencialmente, é condenado ao mal pelos séculos afora. Que com Lúcifer, o pai da mentira maligna do “sereis como deuses”, axioma fundamental da realidade do mal e irá sofrer as penas da negação de sua própria natureza.

PERSONALIDADE EM EDITH STEIN

Kauã Filipe dos Santos

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

O tema da personalidade é uma questão discutida até hoje, de diversas formas vem à tona essa abordagem, seja no campo espiritual e religioso, como no campo das ciências psicológicas. E dentro desse contexto está também uma filósofa, muito profunda em suas análises e observações fenomenológicas, se trata de Edith Stein, ou Santa Teresa Benedita da cruz como foi canonizada. A filósofa aborda esse tema com bastante clareza e apresenta através de uma observação profunda e detalhada as questões relacionadas à formação da personalidade da pessoa humana, bem como o que é essa tal personalidade, trazendo conceitos como liberdade e autoconhecimento.

Sendo assim a personalidade é uma dimensão primordial para o ser humano, pois se trata de uma questão profundamente interior e que deve ser descoberta, para que, desta

forma, o que está implícito no mais profundo do indivíduo seja externalizado levando-o à autenticidade. E essa autenticidade é algo considerado bom pela filósofa, bem como é uma resposta para algumas questões que enfrentamos hoje em nossa sociedade.

Por fim, a personalidade é constituída de várias partes fundamentais, como um corpo com seus membros, cada um deles com sua função e sua importância para o desenvolvimento humano. E mover esses membros, isso quer dizer trabalhar essas questões não é algo fácil, ao contrário é exigente, mas é algo muito importante fundamental para a formação e o desenvolvimento do ser humano.

Edith Stein foi uma mulher muito importante para a igreja católica, igualmente foi para a filosofia. Santa, filósofa e teóloga alemã, contemporânea do século XX, ela foi uma das primeiras mulheres a receber o título de doutora em filosofia, bem como teve a oportunidade de estar próxima ao seu mestre Edmund Husserl, sendo sua assistente. Embora fosse de família religiosa, a filósofa não praticou a fé desde cedo, porém em uma experiência posterior pode se encontrar com Deus, entregando dessa forma, sua vida à Igreja Católica.

Com seus pensamentos, contribuiu muito para o esclarecimento acerca da fenomenologia e da filosofia da pessoa. Dentro desse contexto ela desenvolve o tema da personalidade do ser humano, o qual será abordado neste artigo.

A filósofa parte do método fenomenológico, adquirido de seu mestre Edmund Husserl, para trabalhar dentro da ótica psicológica, pois a fenomenologia e a psicologia possuem uma relação, na qual as duas investigam o sujeito, porém de formas diferentes (Cf. GOTO; LIMA, 2018, p. 5). Este tipo de abordagem possibilita uma análise aprofundada, complexa e integrada sobre o ser humano, revelando assim as partes que são separadas no estudo, mas que estão ligadas intrinsecamente para que o processo observado ocorra.

Stein iniciou suas observações, de forma geral, com o estudo da vivência da empatia, posteriormente criando uma “fenomenologia da empatia”, da qual constata uma revelação de um tipo de estrutura da pessoa, no âmbito universal e também particular do indivíduo. A individualidade analisada, inicialmente como um “Eu puro”, demonstrou outros passos necessários para compreender a estrutura humana, sendo assim Edith Stein identificou esses aspectos e reconheceu uma autenticidade pessoal.

Para iniciar este processo de compreensão sobre o tema da personalidade é importante ter-se em vista a estrutura da pessoa humana. Para Edith Stein o indivíduo é constituído por espírito, alma e corpo, destacando aqui que as três se complementam e caminham juntas, são separadas apenas em vista da análise. Sendo assim, a alma não é e não deve ser compreendida como um terceiro domínio entre os outros dois, mas sim como um ponto de encontro entre o sensível e o espiritual.

Como forma do corpo, a alma ocupa o lugar intermediário entre o espírito e a matéria, que pertencem às formas das coisas corpóreas. Como espírito, ela possui o seu ser *em si mesma* e pode, com toda a liberdade pessoal, se elevar acima de si e receber em si uma vida mais elevada (RUS, 2015, p. 55).

Ressaltando essa relação existente entre as dimensões da pessoa, Edith Stein apresenta um esclarecimento aprofundado sobre a dimensão da alma. “Ela define a alma como uma “fonte escondida” a partir do qual o ser vivo é configurado e ‘extraí o seu ser para

aparecer como uma forma visível em um corpo” (RUS, 2015, p. 55) Daí se conclui que essa unidade entre espírito, alma e corpo é o fundamento, o lugar de onde surge a personalidade e, que constituem um papel muito importante no desenvolvimento da autenticidade.

Em se tratando de autenticidade, adentra-se no tema da formação da personalidade. Para Edith Stein a personalidade é formada pelos fatores tanto externos como internos, ou seja, a pessoa é constituída de uma personalidade (contexto interno) que nesse processo vai assumindo forma com aquilo que lhe é acrescentado de fora.

O material a ser moldado é constituído de um lado pelas aptidões físicas e psíquicas com que o ser humano nasce, pelo material que lhe é constantemente acrescentado de fora e que deve ser assimilado pelo organismo. O corpo retira esse material do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que deve alimentar-se (Stein, 1930/1999a, p. 137 apud BARREIRA; COELHO JÚNIOR, 2018, p. 347)

E essa formação é o processo pelo qual se chega à personalidade autêntica, que é a posse da pessoa daquilo que *sua* estrutura universal disponibiliza.

A personalidade está localizada no mais profundo daquilo que a filósofa caracteriza como “núcleo da pessoa”, conhecido também como o “Eu puro”. Ali está localizada a essência mais profunda da pessoa, ou seja, aquilo que faz com que aquela pessoa seja diferente de todas as outras.

Stein defende também que o caráter define a personalidade, ele é o resultado da vida afetiva, ou dos sentimentos que podem atuar sobre a vontade e o comportamento da pessoa”. O caráter é modelado pelos sentimentos e pelos valores. Podem fechar ou abrir a pessoa. (Cf. CARDOSO, 2014, p. 130). Ela não trabalha em uma tipificação do caráter ou da personalidade, mas sim adentra em um estudo que demonstra a individualidade de cada humano (Cf. GOTO; LIMA, 2018, p. 7). De modo geral pode-se dizer que o caráter é a expressão individual das experiências e dos valores de cada pessoa. Ainda sobre o caráter, a filósofa o descreve como o único, dentre todas as dimensões da psique, com a capacidade de individuar-se, ou seja, cada pessoa possui o seu e ele se diferencia de todos os outros. Com isso percebe-se a relação que se tem e as características apresentadas no tema da personalidade.

Como aspecto primordial constitutivo do caráter e conseqüentemente da pessoa, é importante tratar sobre a questão da vontade. Stein apresenta a vontade como fator fundamental para a constituição do caráter, porém ele pode estar limitado ao que ela chama de “disposições originais”, que são as limitações e as possibilidades da pessoa que já estão inseridas nela. Em um primeiro instante Edith Stein apresenta essa condição de forma inflexível, quando se trata da ação do eu, porém quando relata a estimação de valores, ela diz que a pessoa não pode ser limitada por essas disposições originais. E é essa atuação do “eu” em relação aos valores positivos e negativos que demonstra as idiossincrasias da pessoa e apresenta a liberdade como elemento imprescindível para a constituição da personalidade humana.

Ainda dentro desse aspecto da personalidade, é importante ressaltar a questão da construção pessoal, um tema que está paralelamente relacionado ao tema proposto neste trabalho, porém possui uma sua importância quando se trata da personalidade. Nessa

questão trata-se sobre o processo de tornar-se si mesmo, que é processo de autoformação. O ser humano tem papel fundamental nesse processo.

Da mesma forma é importante citar à questão da liberdade, que é de extrema importância, pois:

Distintamente dos animais, a pessoa humana não se caracteriza como um ser determinado em estímulo-resposta. Tampouco se configura como resultado de um produto social, meramente condicionado pelo ambiente de seu entorno. O ser humano é dotado de potência livre, capaz de por si mesmo posicionar-se de forma autoconsciente. (TEIXEIRA, 2017, p. 85)

Nessa perspectiva fala-se sobre a responsabilidade que um indivíduo possui sobre si mesmo e sobre a formação de sua personalidade, que culminará com a formação da pessoa autêntica. E segundo Patrícia Espíndola (2017, p.85) com a sua liberdade, ele tomará a decisão de se autoconhecer, pois a partir disso, o seu ser se aperfeiçoará.

Por fim, relacionando ao mundo atual, percebe-se o quanto é difícil uma vida autêntica, tantos problemas que se vê por conta da falta de autenticidade das pessoas. Problemas como mentiras, roubos, a perda do sentido da vida, o suicídio, entre outros. Desta forma, nota-se o quão é importante tratar sobre esse assunto que auxilia a compreensão do ser humano sobre si e sobre o seu entorno, bem como a sua importância para esse contexto externo.

Quando um ente é verdadeiramente aquilo que deve ser (ou seja, quando ele possui a verdade em sua essência), ele também é realmente bom (ele possui o bem em sua essência) e, segundo o domínio ao qual ele pertence, ele é verdadeiramente santo, belo, nobre ou útil. (STEIN, 1996, p. 334 apud TEIXEIRA, 2017, p.86)

Para encerrar este tema é importante compreender-se que a constituição da pessoa, se desenvolve de uma hora para outra, mas sim exige-se um processo, com vários integrantes responsáveis, sendo um deles a própria pessoa que cresce e desenvolve a sua personalidade. Por fim, a personalidade é parte que constitui a pessoa e não pode ser descartada, ao contrário, deve ser conhecida e trabalhada, formada, desenvolvida e aprimorada, pois isso contribui para a autenticidade que conduz o homem à uma vida boa, conforme apresentado no pensamento de Edith Stein.

Em suma o tema da personalidade se desdobra sobre várias dimensões que tratam da individualidade e essência da pessoa, demonstrando assim essas características como fundamentais para o desenvolvimento de seu debate. Em Edith Stein percebe-se sua observação holística e bem desenvolvida, abordada de forma parcial nessa comunicação. Por fim, vê-se a necessidade do estudo de tal tema para o desenvolvimento pessoal e o autoconhecimento, bem como a sua relevância para a formação da pessoa autêntica.

Referências

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; COELHO JUNIOR, Aquilles Gonçalves. **Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein.** v. 29, n. 3 [s./], 2018.

CARDOSO, Carolina de Resende Damas. **Contribuições de Edith Stein para a psicologia científica.** Ed. 1. Curitiba/PR: Appris, 2014.

FACULDADE SÃO LUIZ. **Manual de Metodologia**. Brusque: FSL, 2020.

GOTO, Tommy Akira; LIMA, Thaís Morais. **Psicologia e personalidade em Edith Stein**. Foz do Iguaçu, 2018. Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (SIPEQ).

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein**: Aproximação a um gesto antropológico integral. Tradução de Isabelle Sanchis, Juvenal Savian Filho, Maria Cecília Isatto Parise e Paulo Pacheco. Ed. 1. Belo Horizonte/MG: 2015.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. **A formação integral da pessoa em Edith Stein**: Perspectivas teológicas e pedagógicas. Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin. Porto Alegre, 2017. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

WIKIPÉDIA. **Edith Stein**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Edith_Stein Acesso em: 11/12/2023.

PESSOA E VOCAÇÃO EM EDITH STEIN

Maicon Malcko Pereira

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Grande filósofa e teóloga alemã do século XX, Edith Stein, debruçou-se sobre várias temáticas de estudo ao longo de sua vida. Dentro dos temas mais consideráveis estão os conceitos de *pessoa* e de *vocação* que buscaremos nos atentar nesta comunicação. A forma de abordagem trabalhada por ela, caracterizada por vezes como única e profunda, continua a ecoar até hoje nos meios dispostos, nos fornecendo um sentido próprio a este termo.

É importante que antes de tratarmos diretamente sobre a *vocação*, trabalhemos o conceito de *pessoa*, que está intrinsecamente ligado a essa temática. Stein expressa que o conceito de pessoa é profundamente influente, e segue a teoria de seu mentor Edmund Husserl. Nele, ela busca enfatizar que, para entendermos o conceito de natureza humana, temos de primeiramente, nos familiarizarmos com o conceito de pessoa.

Ela enfatiza os conceitos de individualidade e de singularidade de cada pessoa, pois argumenta que cada indivíduo é único, e sendo único é irrepitível. Tendo isso, cada pessoa adquire uma identidade distinta, que não pode ser reduzida ou simplificada a meras categorias ou generalizações, pois transcende qualquer descrição puramente física ou psicológica. Kusano (2009, p. 58), apresenta que Stein “atrela à estrutura essencial do ser humano um reconhecimento da individualidade única e irrepitível da pessoa, (...) isto se dá pelo fato da natureza humana participar tanto do reino do espírito quanto do reino da natureza”.

A consciência é o ponto de partida da filosofia da pessoa. E nós, por sermos seres providos de consciência, nos é fornecido a capacidade de experimentar o mundo e a nós mesmos. Mas para Stein a consciência é sempre intencional, pois ela sempre está ligada a algo que se encontra fora de si mesma. Kusano, expressa que:

É a alma espiritual que, para Edith Stein, diferencia o ser humano dos outros âmbitos do ser, na medida em que esta o capacita para uma consciência sensível do que ocorre na própria alma, um voltar-se para dentro de si que naturalmente implica em liberdade. (KUSANO, 2009, p. 74).

Dentro do conceito de pessoa é explorado também a relação entre corpo e a alma. Para ela, a pessoa é uma unidade psicofísica, na qual a alma e o corpo estão unidos intimamente e inseparavelmente. A união dos aspectos físicos e mentais é indissolúvel, para caracterizarmos o conceito pessoa não podemos separá-las jamais.

Um ser social, é como a filósofa caracterizava as pessoas. Ela expressava que, a pessoa é um ser essencialmente social, e via os relacionamentos interpessoais como parte fundamental da relação pessoal. Kusano (2009), ao analisar o pensamento da autora expressa que, para Stein: “(...) o indivíduo humano é observado no interior de uma dinâmica de atos, relações, estruturas e tipos sociais, que apontam para um indivíduo imerso numa coletividade, e co-determinado em todo o seu ser corporal-anímico por ela”. Para a autora o isolamento pessoal não é benéfico, pois as pessoas só se desenvolverão plenamente em comunidade. Ela expressava que a comunidade não apenas fornece um contexto para o desenvolvimento pessoal, mas também é essencial para a realização do bem comum.

Ainda é importante destacar a questão da dimensão espiritual, que para Stein é também parte integrante da pessoa. Para ela a busca constante pela verdade é uma procura fundamental da pessoa humana. Dentro disso expunha que, a fé e a razão não eram discordantes, mas complementares na busca pela compreensão fundamental da realidade. Sobre a dimensão espiritual, Stein expressa que:

Ela não é uma iluminação sobrenatural, senão que um meio de conhecimento natural, como é também a percepção sensível; é o meio de conhecimento específico das verdades ideais, assim como a percepção sensível é o meio de conhecimento específico dos fatos do mundo material. Ela não é uma intuição mística, mas, mesmo assim, possui certa afinidade com esta última; de certo modo, ela é a imagem desta no âmbito do conhecimento natural. (STEIN, 1924, p. 218).

Em geral, no conceito de pessoa, Edith Stein, aborda que cada indivíduo é único e irrepetível, com uma identidade que se desenvolve através da consciência, relacionamentos e espiritualidade. Sua abordagem é significativa não apenas na filosofia, mas também na teologia e na compreensão da natureza humana.

Tendo exposto isso, tratemos agora diretamente sobre vocação. Para a filósofa, todos os seres humanos apresentam uma vocação própria e específica, ou seja, um propósito de vida. Ela argumentava que a vocação não é uma escolha de carreira, ou pelo menos não somente isso. Ela caracterizava a vocação como um chamado interior, que transcende tudo o que a sociedade estabelece e espera. É um chamado divino, uma parte intrínseca a pessoa, que não depende de ter uma profissão ou realizar um papel específico, mas sim de um modo de vida, voltada a autenticidade e a busca da verdade. Nas palavras

de Stein (1932, p. 73), a vocação é um “chamado *de* alguém, *a* alguém, *para* alguém, de uma maneira perceptível”.

Outro ponto a se destacar do pensamento dela é que, a busca da vocação própria não é uma jornada individual, mas é um buscar harmonizar-se com o mundo. Podemos significar o pensamento dela nesse caráter tomando a vocação como uma forma de contribuir para o bem comum, onde a relação pessoal, dos homens e das mulheres é um serviço ao outro. A vocação está presa a responsabilidade mútua e na solidariedade, daí provem o seu caráter coletivo.

Mas, há uma questão. É relevante falar de vocação? Diríamos que sim, principalmente, aqui, sob a visão de Edith Stein pois, essa temática apresenta um sentido de vida. É trazendo as luzes este assunto que, muitas pessoas podem ser ajudadas a descobrir que seu propósito na vida, e encontrar um significado as suas ações. Stein também via a vocação como um chamado de Deus. Como já expressado ela argumentava que Deus chama cada pessoa a uma vida de serviço e amor, e que a vocação é uma resposta a esse chamado divino. Falar sobre vocação permite que as pessoas explorem sua relação com Deus e como podem viver de acordo com Sua vontade.

Mas não apenas uma questão religiosa, mas também social. A autora acreditava que a descoberta e o cumprimento da vocação de alguém contribuem para o bem-estar da sociedade como um todo. Ao ajudar as pessoas a compreenderem sua vocação e a viverem de acordo com ela, pode-se promover uma sociedade mais justa e compassiva para os homens e mulheres que nela vivem. Ela argumentava que seguir a vocação de alguém leva a uma vida mais autêntica e plena. Falar sobre vocação pode ajudar as pessoas a se conhecerem melhor e a se tornarem a melhor versão de si mesmas.

Portanto, a relevância de entender e de falar sobre vocação, segundo Edith Stein reside em sua crença de que a vocação é fundamental para a busca de sentido, de uma relação com Deus, e o bem-estar da sociedade e o desenvolvimento pessoal de cada homem e mulher. Ela via a descoberta e o cumprimento da vocação como uma maneira de viver uma vida significativa e comprometida com valores espirituais e morais. Viver nossas vocações e buscar a felicidade nelas é o que a autora busca enfatizar, que possamos a partir dos estudos promovidos por ela entender sempre mais isso, e entender de fato qual nossa vocação.

Referências:

BAR KUSANO, Mariana. **A Antropologia de Edith Stein**: Entre Deus e a Filosofia. Orientação de Luiz Felipe Pondé. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC–SP, São Paulo, 2009.

STEIN, Edith. **A Mulher**: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça. Tradução de Alfred J. Keller. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 1932. Disponível em: http://felicidadefeminina.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Edith-Stein_A-Mulher_Sua-Miss%C3%A3o-segundo-a-natureza-e-a-gra%C3%A7a.pdf. Acessado em: 03 out. 2023

STEIN, Edith. O que é fenomenologia? Tradução de Ursula Anne Matthias. **Argumentos:** Revista de Filosofia, ano 10, n. 20, p. 215-219, jul.-dez. 2018. Título original: Was ist phänomenologie? (1924) In: ESGA (Edith Stein Gesamtausgabe), v. 9, texto 5, p. 85-90.

ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN

Bruno Boscato Giuriatti

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Antropologia Filosófica: Edith Stein defendeu a ideia de uma antropologia filosófica, que vai além das abordagens puramente científicas ou biológicas da natureza humana. Ela acreditava que a antropologia filosófica investiga profundamente a estrutura essencial do ser humano, incluindo aspectos de sua singularidade única e irrepresível. Em suas palavras: “o logos eterno é o fundamento ontológico da unidade da humanidade que dá sentido à educação e a faz possível.” (STEIN, 2002, p.19)

Relação com a Educação: Stein argumentava que a antropologia é fundamental para o campo educacional, pois os educadores precisam compreender profundamente a natureza humana para fornecer uma educação adequada. Ela via o processo educativo como algo que deve abranger tanto o corpo quanto alma do ser humano. Edith Stein explora as diferentes antropologia possíveis e demonstra quais delas são capazes de fornecer uma base sólida e responder à pergunta sobre o ser humano. Primeiramente, ela examina a abordagem da antropologia baseada nas ciências naturais e encontra uma ciência que estuda o homem como espécie, semelhante ao que é praticado na zoologia. Nesse modelo científico, o foco está na descrição dos tipos morfológicos, nas causas das diferenças entre raças e tribos, na busca por vestígios dos primeiros habitantes e nas leis evolutivas que acompanham o desenvolvimento do indivíduo até chegar ao homo sapiens, entre outros aspectos. No entanto, de acordo com a autora, essa concepção limita-se apenas a caracterizações morfológicas-descritivas ou explicações causais insuficientes para suas pesquisas. Sua crítica a esse tipo de antropologia baseia-se em dois pontos cruciais. O primeiro deles afirma que:

Dado que a formação e a educação têm de abarcar o homem inteiro, tanto o seu corpo como a sua alma, é importante para o educador conhecer a estrutura, as funções e as leis evolutivas do corpo humano. Somente assim poderá saber o que pode fomentar seu desenvolvimento natural e o que pode prejudicá-lo. É igualmente importante conhecer as leis gerais da vida anímica do homem, a fim de tê-las em conta no trabalho educativo (STEIN, 2002, p.19)

Diferença entre Ciências Naturais e Ciências Humanas: Edith Stein fazia distinção entre as ciências naturais, que tendem a se concentrar nos aspectos físicos e causais, e as ciências humanas, que exploram dimensões mais profundas da natureza humana, incluindo individualidade única e expressões espirituais.

Educação Integral: A autora destaca a importância de abordar tanto o corpo quanto a alma do ser humano na educação. Isso requer conhecimento das estruturas, funções e leis evolutivas do corpo humano, bem como das leis gerais da vida psíquica. Além disso, a

educação deve considerar o indivíduo como parte de estruturas além do indivíduo específico, como raças e povos.

Relação Ontológica: Segundo Edith Stein, há uma ligação objetiva e ontológica entre a condição humana e a educação. Ela defende que a comunidade humana compartilha uma origem comum, caminha em direção a um objetivo compartilhado e tem seu destino entrelaçado com o dos outros seres humanos. O “logos eterno” é o fundamento ontológico dessa unidade da humanidade, conferindo significado à educação.

Diferença entre Anjos e Animais: Edith Stein faz uma distinção entre os seres humanos, os anjos e os animais. Enquanto os anjos não formam uma espécie e estão sozinhos diante de Deus, e os animais possuem principalmente relações naturais, os seres humanos têm a capacidade de estabelecer relações espirituais que transcendem o tempo e o espaço, refletindo sua natureza espiritual e singularidade.

Antropologia Universal: Ao mesmo tempo, Edith Stein buscava uma antropologia que também tivesse um aspecto universal, ou seja, capaz de abordar o que é comum a todos os seres humanos, enquanto reconhecia a singularidade de cada indivíduo.

Individualidade única: Stein enfatizava fortemente o caráter singular de cada indivíduo humano e argumentava que cabe à antropologia capturar essa singularidade. Ela considerava a literatura e as grandes obras históricas como meios de desvendar as profundezas da alma humana e sua singularidade.

Crítica à Antropologia Baseada em Ciências Naturais: Edith Stein critica abordagem da antropologia baseada em ciências naturais por Ciências naturais que se concentram em aspectos morfológicos e causais são consideradas limitadas para a pesquisa educacional, pois requerem uma compreensão mais profunda da natureza humana.

Stein busca nas ciências do espírito um modelo que explique a estrutura humana em todas as suas dimensões e singularidade. Ela destaca que entender a individualidade não pode ser alcançado apenas por meio de conceitos gerais, mas exige uma análise das diversas formas de expressão.

A importância da literatura é elogiada pela autora, citando autores literários como Tolstói, Dostoiévski, Sigrid Undset e Gertrud Iê Fort, por sua capacidade de explorar as profundezas da alma e identificar forças espirituais. Ela argumenta que esses escritores revelam uma lei constitutiva da estrutura humana que pode ser universalmente compreendida através de evidências concretas.

Edith Stein propõe uma antropologia filosófica que combina elementos universais e particulares na compreensão da natureza humana. Essa abordagem serve como base teórica para a atividade pedagógica, permitindo aos educadores captar a singularidade de cada indivíduo.

Stein destaca que a natureza humana está presente tanto no reino do espírito quanto no reino da natureza. Portanto, é importante delinear claramente as fronteiras entre essas dimensões e compreender como elas se entrelaçam e influenciam dentro de cada indivíduo.

A filosofia de Edith Stein destaca a relevância da educação abrangente que considera a natureza espiritual e a singularidade de cada indivíduo. Ela combina aspectos da antropologia filosófica e das ciências humanas para estabelecer uma base sólida para a prática pedagógica.

Edith Stein abordou a antropologia de uma maneira que a relaciona intimamente com sua filosofia e sua compreensão da educação. Para Edith Stein, a antropologia é o estudo da natureza humana, e ela considera a antropologia como uma base essencial para a pedagogia (a teoria e prática da educação).

Referências:

BAR KUSANO, Mariana. **A antropologia de Edith Stein** – entre Deus e a filosofia. Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, do Programa de Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de Concentração: Fundamentos das Ciências da Religião. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-76666/a-antropologia-de-edith-stein--entre-deus-e-a-filosofia>. Acesso em 02/10/2023.

STEIN, Edith. **La Estructura de la persona humana**. Madrid: BAC, 2002

O CONCEITO DE “EU PURO” EM EDITH STEIN

Braion Vinicius Hansch

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Edith Stein, filósofa e teóloga alemã do século XX, trabalha o conceito de “Eu puro” em sua filosofia, que está inserido no contexto da fenomenologia, da filosofia da Pessoa e de sua obra filosófica da Empatia. Stein foi aluna de Edmund Husserl e sua filosofia foi influenciada diretamente pela fenomenologia de Husserl. Stein realiza interpretações e análises do trabalho de Husserl, que posteriormente descreve a fenomenologia, incluindo o conceito de “Eu puro” utilizado constantemente em seus escritos. A partir disto, neste presente trabalho abordaremos de modo introdutório a fenomenologia de Edmund Husserl, que posteriormente servirá de base para as discussões de Edith Stein em sua filosofia. Principalmente no conceito por ela utilizado de “Eu puro” que tem por objetivo a pureza das experiências conscientes, como algo fundamental, um alicerce para a vida do ser humano.

Na filosofia de Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, não existe o termo ou conceito de “Eu puro”, utilizado por Edith Stein. A fenomenologia de Husserl, concentra-se na análise de experiências conscientes tal como elas são, buscando descrever a estrutura essencial da consciência e dos objetos da consciência. Para Husserl é compreender o fenômeno, ou seja, a aparição das coisas à consciência.

O fenômeno é tudo aquilo que aparece para a nossa consciência, em outras palavras é a manifestação de objeto ou de qualquer evento à consciência de um sujeito. O fenômeno refere-se a qualquer coisa que se apresenta, seja uma percepção sensorial, um pensamento, uma emoção ou qualquer forma de experiência. Os estudos de Husserl não eram apenas nos objetos e eventos físicos, mas sim, os objetos mentais, as experiências e atos de consciência que constituem a realidade vivida.

Husserl entendeu por fenômenos o modo de manifestação de todas as coisas. A palavra “fenômeno” (φαινόμενον, phainomenon) é entendida por

Husserl como tudo aquilo que aparece, ou seja, todas as coisas (*Sachen*) que se mostram a alguém. Aqui convém observar que "coisa", nesse contexto, não deve ser entendida apenas como coisa física (*Ding*), como por exemplo, um livro, uma casa, etc., presentes em "carne e osso". As coisas (*Sachen, sache*) que se mostram às pessoas, devem ser tratadas como fenômenos, porque em suas aparições é possível, de imediato, compreender os seus sentidos e não apenas o sentido físico. (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018, p.43).

Husserl afirmava que ao realizar a redução fenomenológica ou a *epoché*, deveríamos descartar quaisquer tipos de preconceitos e suposições no contexto do mundo exterior e concentrar-se de maneira intrínseca nas experiências puras, ou seja, as experiências em si mesma, sem realizar julgamentos da existência do mundo exterior. Sendo assim, permite que a intencionalidade, isto é, modo de agir da consciência, realize o movimento que a consciência faz em relação aos objetos. A consciência está sempre consciente de algo.

Antes de negar qualquer relação com objetos exteriores, Husserl produz uma redução do fenômeno em sua pureza como um aparecimento em si mesmo, ou seja, como um em-si puro revelado à consciência. Sua fenomenologia não será outra coisa, que o estudo desse tipo de fenômeno puro e absoluto, de modo que esta tem a pretensão de ser uma filosofia pura, e é justamente nesse sentido que se mostra a pretensão inicial do filósofo, que é a de um retorno às coisas mesmas. (ALVES, 2013, p.113).

A partir disso, Edmund Husserl, não aborda diretamente o conceito de "Eu puro". O tema abordado em sua fenomenologia é as estruturas das experiências conscientes e o modo pelo qual a consciência se relaciona com o mundo. Edith Stein, estudante e colaboradora de Husserl, baseia-se na fenomenologia de seu mestre. A partir de suas interpretações e análises sobre, desenvolveu tal conceito, sendo que não há um conceito equivalente a este nos escritos de Husserl.

Segundo Edith Stein o "Eu puro" refere-se a parte mais fundamental do eu consciente, em outras palavras, a experiência de ser consciente de si mesmo, como um ser que pensa, percebe e tem experiências. Para Stein representa a essência mais profunda do interior da pessoa.

Edith Stein esclarece mais uma vez que o seu campo de análise é o campo da consciência pura, do dado absoluto que resta depois de efetuada a *epoché*, tanto no mundo circundante quanto do sujeito das vivências desse mundo. Nesse campo é impossível falar de percepções internas e reflexões do Eu que antecedem à sua própria constituição. (GRACIOSO; PARISE, 2017, p.67).

Stein argumentava que devido as correrias do dia-dia, as preocupações, e os deveres a serem feitos do cotidiano, confiada a pessoa para a designação da função social que está inserida, a pessoa se perde em meio a tanta agitação, e consequência disto é o próprio afastamento da verdadeira essência. Portanto o Eu puro envolve a busca pela autenticidade pessoal.

O Eu puro é caracterizado pelo autoconhecimento, autorreflexão e autoconsciência. É a parte imutável da pessoa, que não se deixa influenciar pelas circunstâncias externas. Este conceito está enraizado na fenomenologia que busca descrever as experiências

conscientes de forma precisa da pessoa humana. Através do Eu puro, a pessoa se abre para a realidade, para o próximo e até mesmo para Deus. A busca pelo eu puro é fundamental para a compreensão mais profunda da pessoa e sua relação com o mundo e com Deus.

Edith Stein, acreditava que cada pessoa tem o seu núcleo interior, um “Eu puro”, a parte mais íntima da pessoa, que através desse aprofundamento do Eu, é realizada a busca por Deus. No campo da espiritualidade, o Eu puro, exerce uma grande função, pois através da purificação deste aprofundamento do Eu, afastando-se dos desejos mundanos, das distrações, das preocupações do mundo alcançamos a Deus.

O autoconhecimento profundo, através do Eu puro, é a parte fundamental da pessoa. Quando a pessoa questiona a si, sua identidade, suas crenças, seus valores, estará acessando a parte mais profunda do seu ser. A autorreflexão, quando a pessoa repensa suas ações, seus posicionamentos, suas atitudes, suas experiências e suas próprias motivações, estará exercendo a dimensão do Eu puro. Outro exemplo comum é a imutabilidade, muito presente na vida da pessoa. A imutabilidade não muda o Eu puro a pessoa poderá mudar de emprego, de função, de residência, porém sua identidade mais profunda permanece constante.

O Eu puro é a parte da pessoa que não se deixa influenciar por pressões externas, como pressões culturais, políticas e sociais. Quando essas pessoas mantêm sua identidade, seus valores, mesmo confrontados por pensamentos, ideias contraditórias, está manifestando o seu, eu puro.

Pode-se assim dizer que o Eu puro seria, metaforicamente, um órgão fundamental no corpo do ser humano, como se fosse o coração. O coração por sua vez, realiza sua atividade de bombear todo sangue para o corpo, sem ele não haveria vida. O Eu puro seria esse coração, parte fundamental da pessoa, pois através dele todas as experiências ocorrem. Esta metáfora ajuda a compreender e destacar a centralidade da importância do Eu puro na vida de cada pessoa. É o alicerce fundamental na particularidade de cada indivíduo.

Em resumo, o Eu puro é a dimensão mais profunda do ser humano. É a parte da consciência que não está vinculada a nenhuma experiência específica, pensamento ou emoção. Porém é a base fundamental, necessária que torna possível todas as experiências conscientes, sendo assim, é a identidade mais fundamental, que não está sujeita a modificações, mudanças e variações das experiências individuais.

Portanto, a contribuição de Husserl para o conceito de Eu puro de Edith Stein foi fundamental para a sua filosofia. Através da fenomenologia de Husserl que é uma abordagem filosófica que se concentra nas experiências conscientes e todas as análises feito por ele, resultou nas obras de Edith Stein, que através do conceito Eu Puro de Stein, entende-se que é uma extensão do trabalho fenomenológico de Husserl.

Referências

GOTO, Tommy Akira; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ileno Izidio. Fenomenologia Transcendental e a Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl. **Rev. Nufen**. Bélem, 2018, vol. 10.

A CONTRIBUIÇÃO DE EDITH STEIN PARA A EDUCAÇÃO

Carlos Cristiano Cortellini

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Sempre que se fala em educação sobram conceitos e formas de educar, há inúmeros autores que mostram suas visões educativas, em meio a tantos autores e suas contribuições observam-se as obras de Edith Stein. Na obra *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral* do filósofo francês Éric de Rus, pesquisador de grande importância da filosofia de Stein, ele mostra e analisa as estruturas de educação que a filósofa apresenta.

Ele parte do princípio de que cada ser humano é único e que a partir disso cada um tem certa percepção de cada coisa de um modo diferente. No quesito de formação humana ela (Edith Stein) trata o ser humano em três dimensões: corpo, alma e espírito e cada uma dessas dimensões deve estar em equilíbrio para que o aprendizado seja efetivo. Mas todo esse empenho sobre sistema educacional se inicia:

Enfrentando com rigor a questão fundamental *O que é o ser humano?* Edith Stein desenvolve uma visão educativa cuja exigência, nascida do amor pela verdade, é habitada por um sopro capaz de renovar de maneira fecunda a reflexão sobre a formação da pessoa humana (RUS, 2015, p. 13).

Esse é o principal desafio encontrado, entender o ser humano em sua totalidade e não somente uma das dimensões, cada pessoa tem sua essência e por isso deve ser respeitada e auxiliada nesse movimento de conhecimento interior, pois nela, o pensar e o viver são duas questões que são inseparáveis (Cf. RUS, 2015, p.12). Uma forma de entender melhor essa complexidade é compará-la com uma melodia, onde cada nota desempenha um papel fundamental da música e que se uma delas faltar ou não ser tocada ela simplesmente deixa de passar sua mensagem.

Stein considera o ser humano com sendo uma pessoa espiritual, ou seja, ele possui uma interioridade, um sentido que permanece nele mesmo e é nessa interioridade que vivem e experimentam suas emoções e encontros nas mais diversas manifestações. Esse “ser espiritual” refere-se à dimensão espiritual da existência humana. Na visão de Edith Stein, os seres humanos são considerados não apenas como entidades materiais ou biológicas, mas também como seres espirituais desenvolvendo consciência sobre si mesmo e sobre os outros, refletindo acerca dos seus propósitos de vida e seus significados.

Como mostrar que o ser humano é espiritual na educação também é uma questão desafiadora, pois, lembrando que cada pessoa tem sua forma de ver e se expressar, e fazer isso de forma que todos compreendam nunca será fácil. É por isso que existem os sistemas educacionais que tenta auxiliar diretamente na formação pessoal. A relação entre educador e educando é de extrema importância, pois “a educação é aquilo que põe em marcha, de maneira exemplar, a edificação da pessoa, a manifestação do sentido de seu ser” (RUS, 2015, p. 31). Quando o educando não pode dispor de alguém que possa direcioná-lo desde os primeiros anos de vida, essa tarefa fica mais complicada no sentido de que a dificuldade do aprendizado é real, Stein revela que sua família sempre se dedicou intensamente nesse cuidado educacional (Cf. BATZDORFF, 2000, p.101 *apud* RUS, 2015, p. 32).

Edith evita sistematizar a educação, fazer com que seja algo formador de igualdades, ou seja, ela quer fazer com que a educação desenvolva capacidades únicas a cada estudante e que ele por si mesmo tenha suas próprias conclusões,

[...] educar significa guiar outros seres humanos, de modo, que eles se tornem aqueles que eles devem ser. Não se pode fazer isso, portanto, sem saber o que é o ser humano, a que ele se assemelha, para o que ele deve ser guiado e quais são os caminhos possíveis. (Rus, 2015, p. 34).

A pessoa deve ser compreendida como única e o conhecimento das potencialidades juntamente com seus limites é que vão direcionar a forma de ensino (Cf. MOREIRA, 2020, p. 83).

Em muitos de seus escritos, Stein reconhece grande importância das obras de Santa Teresa d' Ávila, nessa sintonia, ambas refletem acerca da quantidade de alunos por sala de aula. Isso se deve ao fato de que em uma sala com uma média de vinte e cinco a trinta estudantes, o professor não consegue fazer com que seu ensino seja de fato proveitoso. Já em uma sala onde o número de estudantes foi reduzido percebe-se melhora nos índices de aprendizado. Outra questão que pode ser levada em conta é a diferença entre as idades de ensino que estão começando agora daquelas turmas de estudantes que estão no primeiro ano do ensino médio, por exemplo, no quesito quantidade e qualidade das perguntas, onde se vê uma grande diminuição. Em outras palavras, um ambiente de estudo não deve, de maneira alguma, fornecer espaços "insalubres" para o aprendizado. Por isso,

Considerar um indivíduo humano isolado, é considerá-lo de maneira parcial. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida uma vida em comunidade. [...] Esta inserção num mundo mais vasto faz parte integrante da estrutura do ser humano (STEIN, 2012, p. 188 *apud* RUS, 2015, p. 42).

Stein coloca outro ponto importante nessa empreitada da educação, a saúde do corpo. Para ela um corpo (físico) sadio revela um cuidado com a vida interior especialmente no quesito espiritual, isso, pois ela considera a alma como sendo luz para o corpo. Se não houver um cuidado com o corpo humano, se formando a partir de dentro para fora, não há uma alma saudável. Em um de seus escritos ela expõe sobre o que é chamado de corpo próprio não é um simples corpo material, mas um corpo animado por uma alma (Cf. RUS, 2015, p. 60) e, por isso o cuidado deve ser intensificado.

Esse cuidado com o interior se revela um encontrar-se em si mesmo, ou seja, viver uma autenticidade tanto intelectual como espiritual, pois, um grande desafio na educação se mostra no estudante sempre tentando imaginar-se no outro e não nele mesmo, é uma espécie de máscara que ele utiliza, por um lado é uma tentativa para fugir de suas obrigações ou até mesmo por não conseguir enxergar um futuro para sua própria pessoa. Por isso Stein defende uma formação integral do ser humano, ou seja, trabalhar para que ele se encontre em si, em outras palavras uma harmonização do seu ser.

Considerando ainda o cuidado interior, Stein coloca o caráter como um dos principais elementos de cada pessoa e também um ponto crucial na formação dos valores individuais. O caráter e suas qualidades é que vão moldar o ser da pessoa, é por meio dessas qualidades, ou propriedades psíquicas, que se expressam os valores e que a põe em movimento (Cf. RUS, 2015, p. 77). Essas qualidades de valores são construídas ao longo da vida do indivíduo e para que se tornem ativos nele, é necessário exercício, ou seja,

criar um hábito para que essas práticas se tornem parte da pessoa, em outras palavras, “[...] o caráter se forma com base na personalidade e no modo como as pessoas se abrem para receber os valores [...]”. (SBERGA, 2021, p. 159).

Enquanto nos dias atuais a educação é tida como uma das principais áreas a serem alavancadas, muitos especialistas se debruçam incansavelmente sobre os mais variados métodos de ensino, Edith Stein prioriza o ser humano em si, ou seja, sua individualidade tão preciosa e que fica de lado, essa individualidade é que caracteriza o ser humano deixando-o sempre em destaque. Preservando a pessoa em si preservam-se também as gerações futuras e deixa exemplos a serem seguidos.

Referências:

MOREIRA, Edimar Fernando. A arte de formar: características da visão pedagógica de Edith Stein. **Basiliade - Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 75–87, 2020. DOI: 10.35357/2596-092X.v2n3p75-87/2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/104>. Acesso em: 28 set. 2023.

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral**. Tradução: Isabelle Sanchis *et al.* Revisão técnica: Juvenal Savian Filho. Belo Horizonte: Artesã Editora Ltda. 2015.

SBERGA, Adair Aparecida. **Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra *A estrutura da pessoa humana***. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Filosofia em questão).

A PESSOA E A SINGULARIDADE EM EDITH STEIN

Júlio César da Silva Lima

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Entender e conceituar quem é o ser humano, o que é o homem, é um questionamento que perpassa o tempo desde a Grécia antiga até nossa contemporaneidade e nos remete a implicações diretas na sociedade. Os diferentes processos de entendimento acerca do ser humano conduziu a consequências que marcaram a humanidade e até hoje necessita de entendimento e soluções que visem evitar as controvérsias e atrocidades em relação a sua dignidade.

Edith Stein, de origem judaica, foi uma filósofa e fenomenóloga notável que ao longo de sua vida passou por uma profunda conversão à religião católica, tornou uma religiosa carmelita e viveu o martírio em um campo de concentração nazista. Viveu durante o turbulento século XX, ela navegou por um percurso de vida singular moldado pela intrincada interação entre razão e fé, em sua incansável busca pela verdade. Sua jornada é

uma história marcante de transformação espiritual e compromisso com a compreensão mais profunda da existência humana (Cf. JUSTO, 2006, p. 7).

Entender o modo que Edith tematizar o conceito de pessoa humana é percorrer um extenso caminho que abarca a realidade fenomênica de como ela a partir de Husserl compreendia tal realidade num diálogo com a filosofia escolástica. É compreender a perda da dignidade humana no contexto histórico e filosófico de sua época é resgatar marcar do ser divino na pessoa humana no seu núcleo mais profundo que a torna singular, única e irrepetível.

A percepção do conceito de Pessoa

O conceito de pessoa passa por diversos contextos filosófico que visa descrever, definir, explicar quem é o ser humano, o que é o homem? É uma problemática que Edith tem como objeto de estudo praticamente em todos os seus escritos frutos de suas investigações (Cf. OLIVEIRA; DALABENETA, 2016, p. 116).

Robert Spaemann (1927 - 2018) a respeito da problemática faz uma análise do conceito de pessoa e seu pensamento nos remota a uma das perspectivas que Edith Stein deve ter compreendido sobre a necessidade de se debruçar em sua obra a questão da pessoa humana no contexto que envolvia em sua época.

O que pretende é que os seres humanos não tenham direitos enquanto seres humanos, mas só na medida em que são pessoas. Mas, assim nos é dito, nem todos os seres humanos são pessoas, e tampouco os seres humanos em todo e qualquer estágio da sua vida e em toda e qualquer constituição de seu consciente (SPAEMANN, 2015, p. 9).

Uma primeira ideia do termo pessoa vem da palavra *prósopon* de origem relacionada ao teatro grego, que significa máscara, papel e ator, de modo sofisticado indivíduo que desempenha um papel (Cf. SPAEMANN, 2015, p. 25).

Entre o século IV e V, o termo *prósopon* foi traduzido para o termo latino *persona* que passou a ser designado pelos Padres da igreja para se referir a Deus, fruto dos combates contra às heresias sobre quem é Deus, a divindade e humanidade de Cristo e a questão da Trindade (Cf. BASÍLIO MAGNO, 1998, p. 42).

Boécio ao tratar a problemática de quem é Deus e Cristo e sobre a dignidade humana, chega a uma definição mais precisa que influenciará posteriormente toda a filosofia em relação ao termo pessoa.

Disso tudo decorre que, se há pessoa tão somente nas substâncias, e naqueles racionais, e se toda substância é uma natureza, mas não consta nos universais, e, sim, nos indivíduos, a definição que se obtém de pessoa é a seguinte: “substância individual de natureza racional” (BOÉCIO *apud* RODRIGUES, 2012, p. 6).

Edith Stein conduz seus estudos sobre o conceito de pessoa sob a influência da filosofia escolástica e da filosofia moderna. Na escolástica da contribuição de Tomás de Aquino ao definir a pessoa como um microcosmo e de natureza racional, capaz de conhecer o fim e a ordem das coisas, e sobre o princípio da individualização pela matéria e forma que difere o ser humano de qualquer outra coisa existente (Cf. REALE, 2003, p. 227).

Savian Filho diz que Tomás avança do princípio da individualização pela matéria para um princípio de individualização pela forma, e que isso é percebido quando se tem em mente a totalidade das obras do Aquinate.

Para fundamentar sua posição ele oferece o seguinte texto de Tomás: “os acidentes não são o princípio da individuação, mas são o princípio do conhecimento da distinção dos indivíduos”. Neste caso, a evidência do ser e do existir precede o ato de conhecer aquilo que existe. Um primeiro olhar e superficial diria que o princípio tomasiano da *materia signata quantitate* é suficiente para individuar a pessoa humana pelo fato de reforçar a condição espaço-temporal (OLIVEIRA; DALABENETA, 2016, p. 114, grifo do autor).

A influência dos estudos de Duns Escotos sobre a questão dos universais e da pessoa humana Edith desenvolve a singularidade.

Sugestivamente descrita como *ultima solitudine*, a pessoa é *ab alio*, pode ser *cum alio*, mas *non in alio*. Pode comunicar, condicionar e ser condicionada, mas não perder a sua identidade. O ente pessoal é um universal concreto, porque, em sua unicidade, não é parte de um todo, mas sim um todo no todo, *imperium in império*. No conceito bem determinado de “pessoa” o particular e o universal coincidem. O homem – cada homem – não é determinação do universal. Enquanto realidade singular no tempo e irrepetível na história, ele, na realidade, é supremo e original, porque, graças à mediação de Cristo, destina-se ao diálogo com Deus uno e trino da Escritura (REALE, 2003, p. 284, grifo do autor).

Edith percebe a vida humana abarcando a realidade concreta, não apenas como uma ideia abstrata da presença, mas com a profundidade experiencial e vivencial, ao qual vai considerar o ser humano como um microcosmo (Cf. OLIVEIRA; ANTÚNEZ, p. 131).

(...)quando falamos da concepção de pessoa em Edith Stein, compreendemos que não há em si uma conceituação no sentido mais estrito da palavra. Ela não busca compreender o significado da palavra “pessoa”, mas busca entender a pessoa como fenômeno. Isso quer dizer que a antropologia filosófica proposta por Edith Stein não é construída sobre uma formulação ideal do que seria uma pessoa, mas sobre a experiência do ser pessoa (ALFIERI, 2014, p. 18, grifo do autor).

Na filosofia moderna, a partir da fenomenologia de Husserl, onde objeto investigativo é o retorno constante a coisa em si, real, dada a nós (Cf. ALMEIDA, 2014, p. 8). Edith estuda o ser humano pela problemática de Descartes e as implicações quando conceitua o ser humano como um Sujeito.

O sujeito é descrito por Descartes como “uma coisa que pensa”, denominado *res cogitans* e, como vimos, esta é a primeira certeza essencial. Descartes afirma ainda que as coisas corpóreas e metrificáveis são destrutíveis porque podem ser divididas, corrompidas, ao passo que as coisas pensantes não podem ser divididas e desta forma, se não podem se corromper, não podem morrer. E conclui que a alma é imortal, enquanto o corpo é mortal, destrutível e corruptível (MAGALHÃES, 2015, p. 33, grifo do autor).

Desses dois campos de estudo, Edith encontra um diálogo que busca responder, o que todos os seres humanos possuem em comum? Segundo a autora, iniciando suas investigações a partir da natureza do ser humano, este possui uma realidade física e espiritual, mas é composto de uma unidade e compartilha uma essência universal, espécie, matéria, existência e uma essência individual que não pode ser reduzida a uma dimensão quantitativa, a um número, pois o ser humano possui a dimensão categórica qualitativa, o espiritual (Cf. OLIVERA; DALABENETA, 2016, p. 117).

Partindo das essências universais e individuais, ela diz que mesmo que o ser humano possua em comum a matéria e a espécie, e entre indivíduos da mesma espécie, há algo de diferente, individual e singular que o torna único (Cf. ALFIERI, 2014, p. 58).

Quando abstraído dos acidentes externos ou diante de uma situação extrema como um campo de concentração, o indivíduo possui algo em seu interior que o define ser quem ele é. Esse elemento que torna o indivíduo uno, indivisível, único e irrepetível, segundo Edith Stein, é a singularidade (Cf. ALFIERI, 2014, p. 73).

É o que faz com que a pessoa humana conserve sua marca pessoal, mesmo estando sujeita a todo tipo de influências nas relações intersubjetivas. Essa marca pessoal, para Edith Stein, tem a propriedade permanente e se encontra no que ela denomina o núcleo da personalidade (kern) (ALFIERI, 2014, p. 77, grifo do autor).

A marca pessoal, a Singularidade

Ao aprofundar na compreensão que Edith tem sobre a singularidade, mergulhamos na complexidade que ela estrutura o ser humano: o corpo de dimensão física (körper) e vivente (Leib), a psique (pysche) ligada as emoções, espírito (Geist) ligado a dimensão racional, e o núcleo (Kern) a centralidade da pessoa humana (Cf. ALFIERE, 2014, p. 63).

Essa divisão promovida por Stein não significa que ela tenha compreendido o ser humano como um ser cindido – como entende, por exemplo, a psicanálise e a psicologia tradicional –, mas ela usou esse artifício puramente para poder explicitar os diversos aspectos que convergem na constituição do ser humano e o tornam único e complexo em seu sentido existencial. Edith Stein (1932-33/2007), em seu livro “Der Aufbau der Menschlichen Person” (A estrutura da pessoa humana), apontou que o ser humano tem, em sua estrutura, a dimensão corpórea, a dimensão anímica ou psíquica e a dimensão espiritual. (OLIVEIRA; ANTÚNEZ, 2017, p. 132, grifo do autor).

Edith seguindo a fenomenologia, analisa o corpo humano a partir de duas dimensões física (körper), referente a algo inanimado e animado (Leib) corpo vivente. Essa distinção é necessária pois difere o corpo humano em relação aos outros, uma vez que, em relação os outros corpos inanimados só a pessoa possui a capacidade de ter consciência da própria corporeidade e localização espacial e temporal (Cf. ALFIERI, 2014, p. 64).

Esse corpo é um corpo físico, que pode ser tocado, observado, manipulado e experimentado, tangível e presente entre o mundo dos objetos, mas que, apesar disso, não é um objeto qualquer entre outros, pois o corpo humano tem uma característica que o destaca dos demais objetos físicos, que é seu aspecto de ser vivente. O corpo humano é um corpo vivo, portador de sentidos e movimentos próprios, capaz de agir sobre o mundo de forma espontânea e de reagir a ele (OLIVEIRA; ANTÚNEZ, 2017, p. 133).

A psique refere as ações qualitativas da pessoa, uma relação de causa e efeito, que vai além da simples reação que os animais têm quando estão diante de um estímulo pela sensação, desejo, prazer e dor, estado de ânimo e a emoção, é a motivação, o que pode contribuir ou desfavorecer o ser humano e ao tempo que tem consciência desses atos. O ser humano é estimulado por uma casualidade, como efeito expressa uma rápida ou não resposta emotiva, pois esse raciocinar e interiorizar a causa, e responder aos estímulos de maneiras diferentes as causas externas em um sentimento ou valor (Cf. ROSA; DA SILVA, 2015, p. 95-96).

Essa capacidade da pessoa humana de interiorizar e tornar-se diferente da outra pessoa, que em mesma condição de sobrevivência, corresponde a dimensão do espírito. O espírito refere-se à qualidade do conhecer que é a razão, vontade e o valor, enquanto a

psique está no nível emocional do instinto, o espiritual ao nível do sentimento que pensa e interioriza (Cf. ALFIERI, 2014, p. 69-70).

Após esta breve exposição de como Edith entende a estrutura humana, ela aprofunda esse ordenamento e descrever a dimensões mais densa da pessoa, o núcleo da personalidade e sua relação com o eu. O núcleo da personalidade é a unidade da relação do corpo, alma(psique) e espírito, que resulta na marca pessoal de como pelo espírito a pessoa externaliza o eu e mantém seu ser individual, a singularidade, sem ser afetada, ao mesmo tempo que recebe os estímulos psicofísicos e torna livre (Cf. OLIVERIA E ANTUNEZ, 2017, p. 138).

O núcleo da pessoa humana é, portanto, o polo profundo em torno do qual se coagula o caráter da personalidade individual; é a partir dele que se irradia a coloração que dará a tonalidade pessoal a cada ato vivido, permitindo que a contínua atualização das potencialidades individuais se realize em uma pessoa singular, única e irrepetível (ALFIERI, 2014, p. 80).

O núcleo é ato e mantém uma aproximação de relação ao ser divino que é ato puro, ato no sentido de não sofrer o devir das vivências externas ou dos desenvolvimentos das potencialidades de suas capacidades. O núcleo é exteriorizado através do eu no mundo objetivo, mas nunca é modificado ou destruído mesmo diante das adversidades, das perdas das capacidades físicas e intelectuais (Cf. ALFIERE, 2014, p. 80 - 81).

O eu que está em contato com a subjetividades de outras pessoas tem no núcleo a atualidade de sua individualidade em meios as vivências, sem ser modificado ou afetado, garantindo a singularidade pessoal. O eu possui uma característica de estar sempre em ação no presente, de uma atualidade em movimento impelido para seu interior, para o núcleo, em busca de uma unidade do seu ser (Cf. ALFIERI, 2014, p. 81).

A reflexão sobre o núcleo permite ao eu alcançar a plena harmonia da sua vida com base na tomada de consciência do seu contínuo autogerar-se de dentro. Para Edith Stein, as qualidades individuais exprimem "a absoluta unicidade, a nota individual, que carregam em si: a 'característica pessoal' ". Tudo o que a pessoa vive carrega em si a marca da sua personalidade (Cf. ALFIERI, 2014. p. 81, grifo do autor).

Edith busca descrever que em meio a um complexo microcosmo que é a pessoa humana, a marca pessoal através da sua intrincada estrutura, pois é única em ter a capacidade de sentir a si próprio, toma posse de si, ter consciência de si, e manter a sua marcar imutável na sua relação interior e exterior do eu com o núcleo da personalidade, que é a singularidade, sem a perca da unidade do corpo, da alma e do espírito (Cf. ALFIERE, 2014, p. 82-83).

Considerações finais

Ao apresentar o conceito de pessoa, destacando a contribuição de diversos filósofos ao longo da história, com ênfase nas análises de Edith Stein. A singularidade é central na visão de Edith Stein, que a concebe como um elemento interno e indivisível, capaz de preservar a identidade única da pessoa diante das influências externas. A análise aprofundada do corpo, alma e espírito, bem como a relação com o núcleo da personalidade, destaca a busca de harmonia e consciência contínua do eu.

A marca pessoal, imutável e singular, é considerada como a expressão da absoluta unicidade de cada indivíduo. O texto ressalta a importância de uma visão correta da singularidade, refutando reducionismos e enfatizando a consciência intersubjetiva da diversidade humana. Em suma, a abordagem oferece uma compreensão profunda e integrada da pessoa humana, destacando sua singularidade como aspecto fundamental na compreensão filosófica e fenomenológica.

A descrição que Edith desenvolve através da sua análise fenomenológica em relação a pessoa humana e toda a sua estrutura complexa numa relação exterior e interior, procura resgatar a dignidade humana perdida pela visão filosófica do contexto histórico de sua época da qual foi vítima. A pessoa humana na visão da autora não é uma abstração quantitativa, mas de qualidade singular, única e irrepetível, indivisível, que a torna livre em meio a circunstâncias diversas e numa condição próxima ao ser divino.

Referências

ALFIERI, F. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. Perspectiva. São Paulo, 2014.

ALMEIDA, Renaldo Elesbão de. (2014). A Empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**, Ano XII, Nº 48. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/048cadernosihu.pdf> acessado em 03 nov. 2023.

PERETTI, Clélia. (2011). Perspectivas Fenomenológicas e Teológicas das Questões de Gênero em Edith Stein. Kairós. **Revista Acadêmica da Prainha**, Ano VIII/2, Jul/dez. Disponível em <https://www.ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/download/177/163> acessado em 04 nov. 2023.

ROSA, Gabriel Mauro da Silva; DA SILVA, Edmar José. A pessoa humana no pensamento de Edith Stein. **Revista Crátulo**, 8 (2): 90-101, centro universitário de Patos de Minas. Unipam, 2015

REALE GIOVANNI, Dario Antiseri. **História da filosofia, patrística e escolástica**. Tradução de Ivo Stomiolo. São Paulo: Paulus, 2003.

JUSTO, Henrique. **Edith Stein: itinerário fascinante de uma judia, católica, filósofa, vítima do nazismo**. Canoas: Salles, 2006.

SANTO BASÍLIO MAGNO. **Basílio de Cesareia**. Tradução de Roque Frangiotti, Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulus, 1998. Coleção Patrística.

MAGALHÃES, Natalia Mendonça. **O limite constitutivo entre o cogito cartesiano e o sujeito da psicanálise construído no texto "A Ciência e a verdade"**. Dissertação

(Mestrado em filosofia) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2015. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3679> acessado em 09 set. 2023.

RODRIGUES, Ricardo Antônio. Severino Boécio e a invenção filosófica da dignidade humana. In: **Seara Filosófica**. UFPel: Pelotas, verão, n.5, 2012, p.3-20. Disponível <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/1915/1747> acessado em 03 out. 2023.

FERREIRA JUNIOR, Paulo Cesar Gil. **A fundamentação do conhecimento: sentido e objetividade na fenomenologia de Edmund Husserl**. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Filosofia Moderna e Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/12183> acessado 03 de nov. 2023.

SPAEMANN, Robert. **Pessoas: ensaios sobre a diferença entre “algo” e “alguém”**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2015.

OLIVEIRA, André Luiz de; ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, 2017, v. 6, n. 2, p. 124-144. Disponível em <https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/982> Acesso em 01 nov. 2023.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius Braga de; DALABENETA, Eduardo. Singularidade da pessoa humana em Edith Stein. **Revista Teologia e Literatura**, n. 29, 2016. Disponível em: <https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/181/156>. Acesso em 02 out. 2023.

A FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN SEGUNDO O ENSAIO “HUSSERL E TOMÁS DE AQUINO”

Matheus Eduardo de Lima

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

A filosofia de Edith Stein é um ponto de encontro fascinante entre duas tradições filosóficas aparentemente distintas: a fenomenologia de Edmund Husserl e a filosofia tomista de Tomás de Aquino. A vida e obra de Edith Stein são notáveis em si mesmas, uma vez que ela não apenas foi uma das primeiras mulheres a estudar e ensinar filosofia na Europa, mas também uma figura que cruzou as fronteiras entre diferentes correntes filosóficas e religiosas de um período histórico de intensas transformações.

Nesta comunicação, explorarei brevemente a riqueza e a profundidade da filosofia de Edith Stein, como parâmetro principal, seu livro "Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino". O objetivo desta análise é compreender como Edith Stein conseguiu sintetizar elementos da fenomenologia e do tomismo em sua obra e como essa síntese contribuiu para a filosofia contemporânea.

Edith Stein, nascida em 1891 em uma família judaica, inicialmente se aproximou da fenomenologia de Edmund Husserl durante seus estudos universitários. Sua profunda admiração por Husserl e seu trabalho a levaram a se tornar sua assistente e a mergulhar no mundo da fenomenologia. No entanto, a conversão ao catolicismo em 1922 a conduziu a uma jornada filosófica que incluiu a exploração das obras de Tomás de Aquino e a busca de uma integração entre o pensamento fenomenológico e tomista.

Para entrarmos na conciliação de Edith sobre a fenomenologia é importante ressaltar brevemente que, o método fenomenológico tem a perspectiva de captar a essência e o sentido de como esse fenômeno se manifesta, mas para isso necessita-se voltar e analisar e pensar profundamente como isto se revela. A partir disto, é feito um movimento descritivo. Ex. descrever o objeto como ele é.

Avançando para o tema central desta comunicação, no livro "Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino" de Edith Stein, a filósofa examina os fundamentos da fenomenologia de Husserl e explora as conexões entre a fenomenologia e a filosofia de Tomás de Aquino. Ao fazer isso, ela não apenas aborda questões filosóficas complexas, mas também oferece uma visão única sobre como a filosofia pode ser uma busca espiritual e um meio de diálogo entre diferentes tradições.

A fusão da fenomenologia de Husserl com o pensamento tomista na filosofia de Edith Stein é um empreendimento intelectual notável e complexo, que nos permite compreender a profundidade e a riqueza de sua obra.

Segundo Stein, a fenomenologia de Husserl, tinha como objetivo principal a análise cuidadosa e rigorosa da consciência, buscando descrever os fenômenos exatamente como se apresentam, sem preconceitos ou suposições prévias. Edith Stein, como assistente de Husserl, absorveu profundamente essa abordagem metodológica, que se tornou a base de seu próprio pensamento filosófico.

Um aspecto importante no livro, é a ênfase dada por Edith Stein à fenomenologia da empatia, ou seja, uma contribuição única que ela trouxe à fenomenologia. Ela explorou como a empatia poderia nos permitir compreender a experiência subjetiva de outras pessoas, um conceito que tem implicações significativas para a compreensão das interações sociais e das estruturas sociais. Esse desenvolvimento da fenomenologia é fundamental para entender a abordagem única de Stein.

Além disso, o capítulo ressalta a importância das contribuições de Edith Stein para a fenomenologia, não apenas em seu contexto histórico, mas também em sua influência contínua. Seus escritos e abordagens fenomenológicas continuam a ser valorizados por filósofos e estudiosos da fenomenologia, demonstrando a relevância duradoura de suas ideias.

Outrossim, para termos uma base, precisamos entender que quando Edith busca a fenomenologia é porque ela anseia pela verdade. Segundo prof. Juvenal seria uma verdade com v minúsculo, ou apenas uma certa verdade filosófica. Contudo com a aproximação de Husserl e posteriormente a conversão ao catolicismo, ela adentra profundamente no sentido e na busca de uma verdade profunda.

Em Husserl, Edith fala que a busca pela verdade é caracterizada por um certo antropocentrismo (como citado pela Prof. Patrícia) Já em Tomas deixa claro que essa

verdade é como fim último Deus. Portanto, Edith usa a empatia como elemento de síntese e ponto de convergência para unir as correntes filosóficas.

Na filosofia tomista, ela procura entender a natureza da realidade em sua forma mais fundamental, incluindo questões sobre a existência, a causalidade e a essência. Também partindo da participação divina. Para ela, a tarefa da fenomenologia é assentar sobre um fundamento seguro de todo procedimento científico, assim como fazem as ciências positivas. Ela traz de tomas a fé como grande força de conhecimento, não conhecimento cego, mas a fé pensante.

Ademais, segundo o filósofo Husserl, a fenomenologia não é distinta da filosofia em geral, posto que ela permite abordar todas as questões filosóficas no âmbito de investigação rigorosa.

Em síntese, Edith fala que tanto para Husserl como para Tomás, predomina a convicção de que um logos vigora em tudo o que há e de que nosso conhecimento é capaz de descobrir gradativamente sempre mais esse logos se se deixar guiar pelo princípio da mais rigorosa honestidade intelectual. Todavia quanto aos limites desse procedimento na descoberta do logos, as opiniões dos dois podem divergir.

Embora a fenomenologia se concentre na descrição da experiência consciente e a filosofia tomista tenha raízes mais tradicionais na metafísica e na teologia, Stein buscou uma síntese. Ela encontrou pontos de convergência entre essas tradições, incorporando elementos tomistas em sua análise fenomenológica da consciência e da experiência humana.

A CONCEPÇÃO DE LIBERDADE NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

Clark Victor Frena

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

Ao tratar do tema *liberdade* em Edith Stein, faz-se preciso percorrer um caminho introspectivo, sistemático e autorreflexivo, este processo resultará, paulatinamente, no esclarecimento do que é propriamente a liberdade. Contudo, é importante nesta via estabelecer algumas concepções para que se chegue com êxito, ao fim da jornada iniciada.

Não se pode tratar de liberdade sem antes estabelecer que o próprio conceito está intrinsecamente ligado a natureza humana, a vontade e à realização pessoal. O ser humano é possuidor de alma, corpo e espírito, todas possuem uma relação inerente no ser, fazendo com que se sobressaia em comparação aos outros seres vivos. O corpo, sendo a composição do ser, mais propensa ao externo, se limita ao material, e, portanto, vive segundo as experiências sensoriais devida sua forma física. A alma, sendo a composição interior do ser e o ponto de diferenciação dos demais seres, consiste-se na prática de raciocinar e conscientizar suas atitudes e ações, experienciando sentimentos e emoções. Já, o espírito, é a característica que possibilita um transcender deste mundo físico e se conectar com aquilo que vai além, permitindo dar um sentido a própria existência e um sentido espiritual que se finaliza em Deus, segundo a autora.

Ao delimitar nosso campo de conceitualização em alma e espírito, sobressaindo que “A vida da alma que não é impingida de fora, mas é guiada do alto.” (STEIN, 2015, p.

119). pode-se adentrar em corolários dos mesmos, tais como: a vontade do próprio ser e a realização pessoal, visto que ambas as realidades se desenvolvem no núcleo do ser.

Abordar sobre vontade humana, é preencher as lacunas que ainda não se preencheram. A vontade do ser humano está ligada a capacidade de fazer escolhas que elevam ou não, o próprio ser, escolhas que perpassam pela alma, e, portanto, são racionais e conscientizadas (como vimos acima); a mesma vontade, que intimamente está interligada com o espírito, se direciona a uma possibilidade futura, um propósito de vida, um propósito espiritual. A vontade se constitui de uma auto decisão, de um autoconhecimento, de uma autodeterminação, de um autodomínio, de uma autoeducação (Cf. STEIN, 2015, p. 119) que se conclui ao escolher de forma livre o que se pretende realizar. Posto isto, vontade é a capacidade de escolher livremente, baseando-se no próprio conhecimento de si mesmo e no propósito de vida, que Edith Stein vai chamar de “vontade divina” (STEIN, 2023, p. 192). Ao termos encontrado a definição de vontade, podemos continuar explorando esta via, seguindo em frente com a realização pessoal.

Ao discorrer sobre a realização pessoal, estamos tratando de uma consequência da vontade humana, que iluminada pela vontade divina se estende a uma finalidade pessoal. Quando se trata de realização pessoal, segundo a autora, destaca-se a capacidade de escolher livremente mergulhar em si mesmo, percebendo suas fragilidades e suas consistências, adentrando em seu âmago, pois, segundo Stein “O mais íntimo da alma é o lugar onde Deus habita” (STEIN, 2023, p. 189). Todavia, para se alcançar a realização pessoal ou como Stein chama a *plenitude*, se faz preciso perder algumas batalhas para que se ganhe as guerras. É na experiência de perder algo que se encontra a verdadeira fragilidade, e, portanto, é ali que se depara com a brecha para uma mudança vivencial e autêntica que causará uma evolução no indivíduo, pois “é do lugar mais inconstante, o eu, que o homem está mais próximo de se encontrar e tomar decisões que determinam a evolução própria” (RODRIGUEZ, 2010, p. 121).

Edith Stein recorda da influência do pensamento de São João da Cruz, quando o mesmo vai clarificar afirmando que para se encontrar a plenitude é necessário abdicar dos desejos, pois é nesta abdição que abrimos espaço para o encontro com Deus. Ora,

“Se admitir tais manchas, estas ocuparão o espírito e o sentido, impedindo a simples e livre comunicação espiritual, já que, ao estar a alma ocupada com essas aparências, o entendimento não tem a liberdade para receber a substância do espírito.” (JOÃO DA CRUZ, 2021 p.118).

Ademais, São João da Cruz e Edith Stein, reforçam que somente se encontrará a liberdade genuína aquele que se desprender do mundo externo, dos desejos e prazeres irrelevante, e, se agarrar no aprofundamento do ser. Deste modo, é aqui, que daremos um passo imenso para a compreensão da liberdade, ora, é caindo e mergulhando para dentro de si e desprezando qualquer influência torpe que se encontra o verdadeiro significado de liberdade.

“O homem é chamado a viver em seu ser mais íntimo e a tomar a si mesmo nas próprias mãos, algo que só é possível a partir disso” (STEIN, 2023, p. 187). Seguindo o caminho, com o fundamento que a nossa vontade genuína é estabelecida pela escolha de adentrar em si mesmo, chegamos à plenitude, chegamos a Deus. Ora, fato é que “o

principal determinante para ser livre é defrontar-se com seu próprio interior” (RODRIGUEZ, 2010, p. 121). É vivenciando no seu próprio ser que somos capazes de sermos livres, é adentrando no âmago interior que podemos encontrar aquilo que temos de mais genuíno, a capacidade de transcender e de se encontrar com Deus. Por isso, Stein concebe a vida do homem um projeto a ser acabado (Cf. RODRIGUEZ, 2010, p. 121), pois, é pelo autoconhecimento, pela autodeterminação que se pode concluir a mais singela essência da vida humana.

No entanto, “Todos são livres e são confrontados com decisões a cada dia e a cada hora.” (STEIN, 2023, p. 189), Stein, enfatiza que nossas escolhas possibilitam a plenitude, e se a mesma escolha, estiver embasada num conhecimento de si mesmo ali então haverá uma íntima relação com Deus, e conseqüentemente, consigo mesmo. Do contrário, a autora alerta: “aquele que não tem total controle de si mesmo não pode realmente decidir livremente sobre as coisas, senão que se deixa determinar.” (STEIN, 2023, p. 186). Aqui ela ressalta, a opção de escolha para cada indivíduo, decidindo genuinamente, mergulhando em si mesmo ou se perder na travessia de uma escolha temporária e de coerção externa.

Enfim, podemos concluir que o conceito de liberdade, perpassa pelo caminho que trilhamos, sendo que, a liberdade pressupõe uma autorreflexão, um autoconhecimento, um mergulho em si mesmo, um encontro da vontade humana com a vontade divina que está presente no âmago do ser, e por fim, na realização pessoal de se encontrar consigo mesmo e com Deus, e poder viver inteiramente livre. Portanto, Edith Stein recorda que “O desenvolvimento pessoal, consiste especialmente, em que a alma alcance seu centro mais profundo onde encontra o lugar de sua liberdade e de sua união com Deus”. (STEIN, 2022, pág. 21).

Assim, conclui-se que “A liberdade é a condição que possibilita o encontro do homem com Deus”. (KUSANO, 2014, p. 127).

Referências

JOÃO DA CRUZ, João. **A subida do monte Carmelo**. Tradução de Rubens Enderle. Dois irmãos, RS: Ed. Minha Biblioteca Católica. 2021.

BAR KUSANO, Mariana. **A antropologia de Edith Stein**: entre Deus e a filosofia. São Paulo, SP: Ed. Ideias & Letras, 2014.

RODRIGUEZ, Renata. Edith Stein: a liberdade no mais profundo do homem. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**. Patos de Minas – MG: n. 2, p. 119-122, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasauade/article/view/5052/2968>. Acesso em: 30 set. 2023.

STEIN, Edith. **A ciência da Cruz**. Tradução de Wagner Schadeck. Dois irmãos, RS: Ed. Minha Biblioteca Católica. 2023.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Coordenação de João Ricardo Moderno; Tradução de Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Forense Universitária, 2022.

STEIN, Edith. Natureza, liberdade e graça. **Revista Filosófica São Boaventura**. Curitiba – PR: v. 9, n. 2, p.119-131, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <https://revistadefilosofia.fae.emnuvens.com.br/filosofia/article/view/20/19>. Acesso em: 29 set. 2023.

A FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Guilherme Martins da Rocha

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 2ª fase - 2023)

O presente artigo se propõe a tematizar o método fenomenológico segundo o pensamento steiniano e husserliano, bem como desenvolver o problema da empatia em Stein e Husserl, que segundo o último citado, é elemento constituinte do método fenomenológico.

Para abordar o tema escolhido *A fenomenologia de Edith Stein*, deve-se fazer algumas considerações importantíssimas para que todo o conteúdo seja devidamente assimilado e compreendido. Quando se tematiza a fenomenologia a partir do pensamento steiniano deve-se brevemente considerar que tal método filosófico não foi primeiramente desenvolvido por ela, mas por seu professor e mestre Edmund Husserl (1859-1938). Husserl faz uso desta expressão – fenomenologia - pela primeira vez nas suas *Investigações Lógicas* (1901), ao invés da expressão “psicologia descritiva”, pois era o termo achado por ele que melhor representaria o estudo dos objetos em sua objetividade, ou seja, em sua essencialidade. O ponto de entrada de Edith Stein na fenomenologia, dizem alguns, foi a notoriedade e o sucesso que este método estava fazendo, principalmente através dos filósofos, é claro, Edmund Husserl, mas também Max Scheler (1874-1928), Martin Heidegger (1889-1976) entre outros. Segundo Savian Filho (2014, p. 11) deve-se considerar um elemento histórico presente na vida de Edith, este pode ser nomeado como *desejo de verdade*, pois quando se aventurava por outras áreas do conhecimento ela buscava encontrar algo de eterno e verdadeiro. Tal verdade desejada por Edith ainda não deve ser entendida como aquela verdade com “V” maiúsculo, pois ainda nesta época a filósofa ainda não havia se chocado com o cristianismo. Este seu desejo de verdade foi o verdadeiro motivo pelo qual ela abraçou a fenomenologia, haja vista que tal método é conhecido pelos estudos das essências fenomênicas.

Há quem diga que Edith Stein “uniu a Fenomenologia e filosofia medieval”, ou que ela “atualizou a filosofia escolástica por meio da Fenomenologia”, ou ainda que ela “pensou o que pensou por causa da fé cristã”. Quem diz estas coisas está tomando como ponto de partida aquilo que é para muitos o ponto de chegada em Edith. Por exemplo: chegaram até a sua filosofia por ouvirem estas frases elencadas acima e agora querem apresentá-la como se ela só fosse isso. O erro está justamente em insinuar que Edith iniciou sua filosofia já sabendo onde queria chegar, como se ela já tivesse o fio da meada, restando a ela simplesmente puxar este fio (Cf. SAVIAN FILHO, 2017, p. 15). Entretanto quem se debruça a estudar sua vida e obra acaba percebendo que tudo aquilo que chamamos de pensamento steiniano ou filosofia steiniana é algo que foi por ela constituído a partir de experiências diversas por ela experienciadas. Como afirma Bernard Dupuy, “no combate de

todos os instantes, terminando na oferenda de sua vida.” (DUPUY, 1992, p. 173 *apud* SAVIAN FILHO, 2017, p. 10).

Quando se fala na Fenomenologia de Edith Stein deve-se primeiramente explicar o que realmente é a Fenomenologia, haja vista que não é um método inteiramente desenvolvido ou até mesmo iniciado por Edith, mas por Edmund Husserl que foi seu professor e mestre. Um elemento histórico percebido na vida de Edith pode ser nomeado como *desejo de verdade*, pois ainda quando navegava pelas outras áreas do conhecimento era esta verdade que ela procurava incansavelmente e não encontrava. Tal verdade desejada por Edith não deve ser entendida com “V” maiúsculo, pois ainda nesta época a filósofa ainda não havia se chocado com o cristianismo, no sentido falso de que ela estaria buscando a Verdade transcendental que é Deus. Até mesmo depois de convertida ao catolicismo, quando ia “fazer filosofia” não deixava que o seu viés religioso a atrapalhasse nos estudos fenomênicos, uma vez que deixando isto acontecer poderia perder credibilidade daqueles que não eram adeptos à fé cristã. E convenhamos: Edith Stein não precisa apenas a ideias religiosas para ser aceita, ela já o é pelo simples fato de transformar a sua vida em uma filosofia, repetindo aquela iniciativa de Agostinho, a saber: fazer da própria vida uma filosofia.

Sendo assim, Edith Stein não se mudou para Gotinga a fim de estudar fenomenologia com Husserl simplesmente porque os estudos fenomênicos eram uma novidade, mas porque ela percebeu que na fenomenologia estavam contidos rastros daquela verdade que ela tanto procurava. E porque surgiram, na fenomenologia, as respostas a alguns problemas tematizados por ela quando ainda era estudante de História, Germanística e Psicologia em Breslávia. O que se mostrou para Edith Stein foi, na verdade, um descortinar de sentido verdadeiro, como afirma o Prof. Juvenal Savian Filho *foi isso que a moveu*. Mesmo quando ela entra em confronto com Martin Heidegger, não porque a visão dele era diferente daquela que ela defendia, mas porque ela julgava que o pensamento heideggeriano era insuficiente para exprimir a experiência humana.

A fenomenologia foi inicialmente desenvolvida por Edmund Husserl, mas também foi usada por Martin Heidegger, Max Scheler, Edith Stein e até mesmo nos escritos de São João Paulo II percebe-se uma abordagem fenomenológica (aqui mais voltada para a fenomenologia de Max Scheler). Ambos os ensaios fenomenológicos dos autores citados acima são diferentes, mas possuem uma mesma raiz desenvolvida, em seu gêmeo, a de Husserl. A respeito da fenomenologia steiniana o Prof. Juvenal (2014, p. 10) afirma: “A Fenomenologia, porém, não seria mais uma visão-de-mundo entre várias, mas uma investigação rigorosa dos pressupostos das visões-de-mundo, especialmente daquelas visões que pretendem um caráter científico”. Segundo Edith, a fenomenologia, de fato, chega a esses pressupostos, que são próprios da consciência, através de um cuidado com o sentido das palavras. Pois é por meio desta ação cuidadosa prestada às palavras que o método fenomenológico passa das palavras e chega às unidades mais básicas de sentido. O sentido, aqui, não é apenas um pensar nas coisas particulares e nas suas funções, mas é a própria ideia e essência das coisas. Tal investigação, esta sobre o sentido das coisas, permitir-nos-á ver se o que concluímos sobre as coisas corresponde ao que elas realmente são, a saber, às coisas como unidades de sentido que se doam a uma relação com a consciência. As coisas como objetos da consciência. Percebe-se aqui que o projeto de

Husserl de “voltar às coisas mesmas” é, na verdade, uma volta às coisas na sua mais plena objetualidade em sua fenomenalidade. Como por exemplo a Física, que opera com os conceitos de matéria, força, espaço, tempo; a História que fala de pessoas, povos e Estados; ou ainda a Psicologia, que fala de causa, empatia e psiquismo. Mas é propriamente a fenomenologia que poderá esclarecer a essência e o sentido destes conceitos, verificando assim, se o modo de procedência das ciências particulares corresponde, em última análise, ao modo de aparecer das coisas investigadas à consciência. (Cf. SAVIAN FILHO, 2017, p. 10).

Edith Stein, ancorada na fenomenologia de Husserl, prevê e tematiza a redução fenomenológica, são duas: a redução eidética e a redução transcendental. Vê-se a necessidade, para o momento, de tratar somente da redução transcendental.

O mundo é colocado “entre parênteses”, é reduzido ao seu manifestar-se, à sua aparição, porque o que primeiro interessa à fenomenologia é a essência e não a aparência. A aparência é o fenômeno. A essência é o que envolve o fenômeno. Logo, para descobrir a essência é necessário assumir a atitude de redução, ou seja, suspender a crença na vigência do mundo para perceber a sua constituição essencial. (SALES, 2015, p. 89, grifo do autor)

É através desta atitude de “suspender a crença na vigência do mundo para perceber a sua constituição essencial” que Edith Stein introduz o conceito de *epoké* (ou *epoché*). Só se conseguirá analisar o mundo e seus objetos de uma forma fenomênica se abstrairmos de nós mesmos o nosso viés, em grandes linhas isto seria: o homem olha para um objeto, e o analisando fenomenologicamente, é capaz de entender o que aquele objeto realmente é em sua essência, em sua fenomenalidade. Entretanto o homem pode muito bem, impulsionado por preconceitos, ignorar a verdade sobre aquele objeto. A *epoké* seria o homem abrir mão destes preconceitos que já tem formado a fim de chegar a conhecer mais plena e essencialmente a verdade sobre tal objeto.

Evidencia-se, agora, a importância que a fenomenologia teve na época pós-guerras e como fez com que o ser humano, animal racional, pudesse avançar ainda mais pelos campos filosóficos sem sequer se preocupar em perder o contato com a realidade, pois a fenomenologia possui esta característica: a de fazer com que sempre se volte os olhares para a realidade em si. “(...) o projeto de Husserl de “voltar às coisas mesmas” é, então, uma volta às coisas em sua objetualidade, em sua fenomenalidade”. (SAVIAN FILHO, 2017, p. 10, grifo do autor). Aqui a expressão “voltar às coisas mesmas” significa este debruçar-se sobre as coisas em sua essencialidade e é por isto que se evidencia esta característica da fenomenologia, a de não deixar o filósofo perder o contato com a realidade, plano de fundo dos objetos a serem analisados fenomenologicamente.

REFERÊNCIAS

SAVIAN FILHO, Juvenal. Uma perspectiva sobre Edith Stein e a Fenomenologia **Argumentos**. Fortaleza, ano 9, n. 18 p. 7-17, jul./dez. 2017.

SALES GYRÃO, Maria Lúcia. Edith Stein – Aspectos do método fenomenológico. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.1-124 out.2014/mar.2015.

IV - Comunicações do ano de 2024

AS DIMENSÕES DA PESSOA HUMANA SEGUNDO EDITH STEIN

MSc. Pe. Jaime Ludwig

Curso Livre de Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, Egresso da turma de 2002

Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté/SP (2010)

Especialização em Juventude, Religião e Cidadania pela FACASC, Florianópolis (2014)

Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma (2019)

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma (2022)

Professor de Filosofia na Faculdade São Luiz, Brusque/SC

<http://lattes.cnpq.br/0006767849533734>

Resumo: Edith Stein, em sua investigação fenomenológica sobre o ser humano para além da corporeidade da pessoa humana, trata da descrição de outros aspectos essenciais como as esferas psíquica e espiritual, abordando também o tema da possibilidade de comunicação intersubjetiva em referência a pessoa. Esta possibilidade revela-nos de alguma forma os três níveis de vida que caracterizam a pessoa humana: o primeiro seria a sua corporeidade, isto é, a estrutura física, as funções orgânicas e vegetativas; a segunda diz respeito à vida psíquica, como o conjunto de emoções, sentimentos, afetividade, mas também a pulsão pela qual a pessoa vivencia relações com os outros; finalmente, o terceiro nível é o espírito, no qual o conhecimento intelectual é revelado e a capacidade de decisão da pessoa humana é ainda mais aprimorada. Por isso, tentaremos indicar as notas essenciais de cada uma destas dimensões, tendo em conta que a pessoa humana é uma unidade e as distinções são de natureza teórica, mas apresentando-se unidas no fenômeno da pessoa.

Palavras-chave: Edith Stein; Corpo; Psique; Espírito.

AS MARCAS DO SOFRIMENTO NA VIDA DE EDITH STEIN: UMA VIDA VIVIDA EM BUSCA DA VERDADE E DE SENTIDO

MSc. Lucas Oliveira Mendes

Licenciado em Filosofia pela Universidade Tiradentes (2015)

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia/MG (2023)

Professor de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina - SED/SC

<http://lattes.cnpq.br/7136307673029783>

*“[...] viver neste mundo sem dificuldade alguma não é possível;
as dificuldades são tão familiares ao homem, desde a infância,
que já se tornaram parte integrante de sua natureza” (1942/2014, p. 47)*

Resumo: O presente estudo tem como objetivo principal demonstrar como Edith Stein viveu uma vida sempre voltada à busca da verdade ao mesmo tempo em que perseguia o sentido de viver. Em sua autobiografia, em suas cartas e em determinados trechos de seus escritos, Stein revela algumas vivências que a fizeram sofrer profundamente: desde a infância marcada pela morte prematura de seu pai até a entrega voluntária de sua própria vida em

prol do povo judeu – “venha! Façamos pelo nosso povo” (Feldmann, p. 135), disse ela à sua irmã Rosa ao serem detidas no Carmelo. Contudo, na análise dos materiais bibliográficos utilizados, verificou-se como a busca da verdade sempre foi uma inquietude que brotava do mais profundo interior de Stein. Ainda, quando criança, as respostas dos adultos e a falta de seriedade deles frente às questões levantadas pela pequena menina já a incomodavam de maneira demasiada. Em sua adolescência o vazio e a falta de sentido invadiram sua existência, o que a fez se distanciar de sua religião e suas práticas espirituais, estava ela, como escreveu, mergulhada “[...] numa crise interior que eu ocultava dos mais próximos e que não podia ser resolvida em casa” (2018, p. 295). Seus dias, eram como noites: “[...] mesmo estando eu bem desperta e mesmo que fosse em pleno dia, tive a sensação de que o Sol se apagou” (2018, p. 268); a desconfiança acerca de todas as pessoas aumentara cada vez mais e já não se podia confiar em ninguém. O sofrimento mais profundo, aquele que nem sempre alcança o corpo, menos ainda perturba a psique, mas que brota no espírito e nele encontra lugar, pode se tornar um verdadeiro processo de realização pessoal, quando lhe é dado o devido espaço para ser vivido, de modo que a motivação espiritual abre portas e caminhos à luz que vem iluminar, entre as frestas da existência, a noite escura da vida. – “[...] além das noites escuras e amedrontadoras, há noites cujo o encanto do luar é um banho de luz amena, suave” (1942/2018, p. 42). Fato é que ao longo dos anos, Stein acreditou que a vida lhe tinha sempre algo a mais para oferecer e que não poderia aceitar que tudo era tão vazio de sentido. Por fim, não se pode esconder o heroísmo de Edith Stein, cujo sofrimento foi experimentado com a dignidade e o sentido que ele pedia, sobretudo, no fim de sua vida: o sentido de sacrifício. Como parecia prever, ela marcou seu nome de carmelita com a Cruz, “Benedita da Cruz”, abençoada pela Cruz, marcada pela Cruz. Para os crentes e não crentes, a Cruz permanece a mesma, quem a vê compreende a correlação entre entrega, sofrimento, sacrifício e vitória – “O mundo está em chamas. O incêndio pode alcançar também a nossa casa. Mas no alto, por cima de todas as chamas, se eleva a Cruz. Elas não podem queimá-la” (1939/2015, p. 149); desse modo, Stein abraçou a cruz, encontrou a verdade e deu aos seus sofrimentos o verdadeiro e único sentido que apenas ela poderia realizar.

Palavras-chave: Edith Stein; Sofrimento; Sentido da vida; Vazio existencial.

A PRESERVAÇÃO DA DISTINÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO NO ATO EMPÁTICO

Ana Beatriz Gobbo (Bolsista FAPESP)

Bacharelado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (2022)

Licenciatura em Filosofia (2024) pela mesma instituição

<http://lattes.cnpq.br/7031767684267080>

Resumo: Em sua tese de doutorado intitulada "O Problema da Empatia", Edith Stein investigou a essência da empatia enquanto ato puro da consciência. Definida como a "experiência que temos de sujeitos alheios e de seu vivenciar" ou como "experiência da consciência alheia", a empatia chamou a atenção da filósofa por seu caráter único em comparação com outros atos da consciência. Ao contrastá-la com a percepção externa, recordação, fantasia e expectativa, Stein formulou que a empatia é uma vivência "originária

como vivência presente, mas não-originária segundo o seu conteúdo". Ela destacou a singularidade da empatia na relação que se estabelece entre os sujeitos envolvidos, onde, ao contrário de outros atos da consciência, a distinção entre os sujeitos é preservada. Para que a empatia se realize, é essencial manter a distinção entre o eu que empatiza e o outro que é empatizado. Essa distinção é o que torna a empatia um ato singular, merecendo especial atenção na análise filosófica de Stein, que a desenvolveu em resposta às formulações de sua época. Neste trabalho, pretendemos expor como Stein abordou o caráter distinto entre os sujeitos do ato empático, em contraposição a algumas posições de sua época, como a compreensão da empatia como um sentimento único entre os sujeitos, como uma associação, ou como inferência por analogia.

Palavras-chave: Empatia; Consciência alheia; Fenomenologia; Empatizante e empatizado

O DIREITO POSITIVO EM HANS KELSEN

Leonardo Augusto Oliveira Xavier

Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, Egresso da turma de 2015.

Licenciado em Filosofia pela UNIBF (2023)

Professor de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina - SED/SC

<http://lattes.cnpq.br/3887983534619936>

Resumo: O positivismo é compreendido com a doutrina filosófica que busca a sua causa última nas relações entre os fatos observáveis. Como método, subordina-se à observação dos fenômenos, ao procurar na ciência o conhecimento verdadeiro, de maneira que sejam abstraídos os conhecimentos ligados às crenças ou outras práticas não verificáveis cientificamente. Ao pretender limitar-se à experiência imediata e sensível, a concepção positivista buscou a pureza na descrição e análise objetiva da experiência. Aplicado ao direito, a teoria positivista procura estudar o direito tal qual ele é, não como deveria ser. O direito é visto como um fato e não como um valor e prescinde do fato de ser bom ou mau, de ser um valor ou desvalor. A validade do direito está unicamente ligada à sua estrutura formal e não ao seu conteúdo. Diante disso, o presente estudo tem por objetivo demonstrar a teoria positivista do direito, sob a ótica do pensador alemão Hans Kelsen (1881-1973). Para tal, a metodologia adotada neste trabalho consistirá em uma pesquisa de abordagem qualitativa e a estratégia será bibliográfica. Nesse intento, utiliza-se as obras mais expressivas do autor como bibliografia basilar e, paralelamente, faz-se uso das publicações de comentadores, artigos, monografias, dissertações e teses como auxiliares na elucidação do conteúdo. Rumo ao objetivo proposto, em um primeiro momento, considera-se as bases teóricas do positivismo e do juspositivismo. Em seguida, trata-se dos pressupostos do direito positivo em Hans Kelsen e, por fim, a distinção que o autor faz entre moral e direito. Conclui-se neste estudo que o conceito de direito positivo em Hans Kelsen é do fenômeno jurídico como ciência, não aceitando interferência de nenhum meio externo a letra jurídica carregada como científica. Para ele, o Direito é uma ordem de conduta humana, ou seja, é um conjunto de normas que formam um sistema que regula o comportamento humano. Portanto, o que pretendeu Kelsen foi, na realidade, encontrar, através de uma ciência pura do direito, o que realmente é jurídico, extirpando das proposições normativas aquelas que não encontrem

sua validade no próprio sistema jurídico revestido da legitimidade concedida pelo direito para inserir normas jurídicas no ordenamento.

Palavras-chave: Positivismo; Direito; Moral; Hans Kelsen.

**O CONCEITO DE BONDADE
NO CAPÍTULO V DA OBRA *SER FINITO E ETERNO* DE EDITH STEIN**

Jackson Augusto Dognini

Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, Egresso da turma de 2023.

Resumo: Edith Stein aborda o tema da bondade em sua obra *Ser finito e eterno*, no capítulo V onde esclarece o ente e os seus transcendentais. A partir de seus comentários a respeito dos transcendentais pode-se destacar alguns aspectos particulares abordados sobre a compreensão de bondade para Stein. Sendo a bondade propriedade transcendental do ente, enquanto tal, a bondade explica e exprime aquilo que é idêntico ao ser, mas pertencente ao próprio ente. Desse modo o ente é bom na medida em que corresponde à tendência enquanto o tender está orientado segundo sua essência para a perfeição. Stein deixa claro que já antes de alcançar a meta de seu tender inteiro, pode-se falar de uma conformidade, portanto de bondade, visto que no tender se apresenta ante os olhos o pretendido como o que promete a plenitude e o que dá a plenitude, e, portanto, o bom. Contudo, a medida de cada criatura (ente) é determinada pela vontade divina (ser), o conformar-se a ela é alcançar a perfeição e o bom na medida que lhe é possível alcançar, este é o tender fundamental de tudo o que é criado. Decorrente da investigação do transcendental Bondade, a filósofa destaca a relação dele com o bem e com o valor. O que dá a um ente a significação de um bem, e o que chamamos *valor*, pertence ao domínio do ser essencial. Desse modo um ente possui valor desde a eternidade, pois está pré-designado, ou seja, relacionando com a bondade que está em potência como parte de sua essência, este ente ao cumprir com sua potencialidade, se torna verdadeiramente bom. Por fim, Edith Stein relaciona a bondade com os demais transcendentais, constata-se uma certa semelhança que os torna praticamente simétricos, pois todo ente como tal é objeto do conhecimento, da aspiração e da complacência. Assim, é pela relação do ente para com a sua aspiração, com o conhecimento ou com o comprazimento que ocorre uma diferenciação dos transcendentais: dispõe que a alma “conhece” o verdadeiro, “aspira” a bondade e se “compraz” na beleza.

Palavras-chave: Bondade; Transcendental; Ente; Essência.

A FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA NO ÂMBITO DA *ESSÊNCIA SINGULAR* EM EDITH STEIN

Erick Natan dos Santos

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

A presente comunicação tem como objetivo abordar a tematização realizada pela filósofa de ascendência judia e nacionalidade alemã, Edith Stein, a respeito da essência singular da pessoa humana e a formação tida pela mesma, focando os esforços para entender as implicações de sua visão antropológica em sua ideia formativa. No primeiro capítulo buscou-se apresentar os filósofos os quais Edith Stein manteve um diálogo mais vivo durante a sua vida e apontar a matéria que a mesma utilizou-se como auxílio em seus pensamentos e escritos. No segundo capítulo já se introduz a visão antropológica da filósofa alemã, realizando, em parte, o mesmo caminho que ela realizou, a fim de manter uma fidelidade ao método fenomenológico, que foi aquele o qual Stein utilizou-se em todas as suas pesquisas. Começando na compreensão de corpo avançou-se até a singularidade da pessoa humana, que exibe-se em cada ato desse ser integral e garante a autenticidade e irrepetibilidade do indivíduo. Por fim, no terceiro capítulo apresenta-se a ideia de formação de Edith Stein, buscando em primeiro lugar, em respeito ao método fenomenológico, a descrição da essência daquilo que cognomina-se formação e, posteriormente, mostrando as implicações que a visão antropológica steiniana gera na sua ideia de formação.

Palavras-chave: Singularidade. Formação. Fenomenologia.

A EDUCAÇÃO EM CLEMENTE DE ALEXANDRIA: PONDERAÇÕES A PARTIR DAS SUAS INFLUÊNCIAS E VIDA

Pedro Henrique da Costa Fachi

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

A presente comunicação tem como objetivo analisar as influências culturais e filosóficas que moldaram o pensamento de Clemente de Alexandria, um filósofo e teólogo grego do século II, que buscou conciliar a fé cristã com a razão filosófica. A relevância do estudo reside na compreensão de como as correntes filosóficas predominantes em Alexandria, como o estoicismo, o médio-platonismo e o gnosticismo, contribuíram para a formulação de sua doutrina. A metodologia utilizada inclui a análise de textos primários de Clemente, assim como uma revisão da literatura especializada. Os resultados indicam que Clemente, ao contrário de seus críticos, utilizou o conhecimento filosófico de sua época como ferramenta para aprofundar a compreensão do cristianismo, argumentando que a verdadeira filosofia não é contrária à revelação cristã, mas sim, uma preparação para ela. A integração entre fé e razão proposta por Clemente representa um modelo de educação que visa ao desenvolvimento intelectual aliado à formação moral e espiritual, orientado pela busca da gnose e da virtude.

Palavras-chave: Clemente de Alexandria; Educação; Cristianismo; Gnose.

A EDIFICAÇÃO PARA A MORTE EM SÊNECA

Artur G. L. de Lima

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

Sêneca, o filósofo estoico romano, envolveu-se em questionamentos filosóficos sobre a realidade da morte, focando especialmente em como se preparar para ela. Este presente trabalho, desenvolvido em três capítulos, tem como objetivo explorar a perspectiva senequiana sobre a preparação para a morte. No capítulo introdutório, *A Filosofia da Morte*, tenta-se demonstrar o percorrer histórico da morte no pensamento poético e filosófico: aqui aborda-se o culto aos mortos - segundo Fustel de Coulanges, a morte nos poemas homéricos, a morte no orfismo e, por fim, a morte em Sócrates e Platão. No segundo capítulo, *Sêneca e o estoicismo*, mergulha-se na biografia de Sêneca, bem como no pensamento estoico em geral: aqui se tematiza a educação filosófica e social de Sêneca, suas relações políticas - especialmente com Nero - e os últimos anos de sua vida, também se aborda neste capítulo o pensamento da filosofia estoica em geral, sua antropologia, sua ética e a figura do sábio estoico. Por fim, no último capítulo, *A Edificação para a Morte em Sêneca*, aprofunda-se propriamente no pensamento senequiano a respeito da morte: aborda-se aqui a sua visão sobre o que seria a morte - como o homem deve compreendê-la e portar-se perante ela, trata-se aqui, também, da doutrina do suicídio como libertação, da brevidade da vida, do ócio filosófico, da *meditatio mortis* e da relação do pensamento de Sêneca com o cristianismo.

Palavras-chave: Sêneca; Estoicismo; Morte.

DA METAFÍSICA AO DIGITAL: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DO VIRTUAL

Daniel Fidelis Raupp

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

A presente comunicação aborda o conceito de virtual ao longo da história da filosofia, destacando sua evolução desde os filósofos pré-socráticos até o pensamento moderno e contemporâneo. Inicialmente, discute-se como os primeiros filósofos buscavam explicações racionais para o mundo, recorrendo à noção de um princípio metafísico ou "arché", o que configura a ideia de um elemento originário virtual, presente, mas não percebido sensivelmente. Platão e Aristóteles desenvolvem o conceito do virtual em suas teorias sobre a realidade e as essências. Enquanto Platão propõe a existência de ideias perfeitas e imutáveis, que são virtualidades presentes além do mundo sensível, Aristóteles introduz a distinção entre ato e potência, onde o virtual está relacionado àquilo que ainda não se atualizou, mas possui potencial para se tornar real. Na filosofia cristã medieval, Santo Agostinho e Tomás de Aquino adaptam a noção de virtualidade para o contexto teológico, associando-o à ideia de verdades divinas e essências que existem na mente de Deus e que se atualizam no conhecimento humano. Descartes e Spinoza, por sua vez, trazem a perspectiva moderna, com o dualismo cartesiano de mente (virtual) e corpo (atual) e o

monismo spinozista, que vê Deus como a única substância virtual que origina todas as coisas. No século XX, Henri Bergson e Gilles Deleuze expandem o conceito de virtualidade para além da metafísica, explorando-o em termos de memória e multiplicidades. Deleuze, influenciado por Bergson, desenvolve uma teoria do virtual como um elemento dinâmico, sempre coexistindo com o atual e sendo essencial para a compreensão do real. O trabalho conclui com a análise do virtual no contexto digital. O virtual é visto não como oposto ao real, mas como um modo diferente de existência, que se atualiza constantemente por meio da tecnologia e das mídias digitais.

Palavras-chave: Virtual; Metafísica; Potência.

A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO ABSURDO E DA REVOLTA SEGUNDO ALBERT CAMUS

Bruno da Silva Teixeira

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

A presente pesquisa busca apresentar a perspectiva filosófica dos conceitos de *absurdo* e *revolta* segundo o autor franco-argelino Albert Camus. O filósofo, nascido na Argélia desenvolve seu pensamento filosófico através da literatura elucidando nas nuncias de suas obras a falta de sentido da vida uma vez que, segundo o autor, o encontro do homem para com o mundo é algo sem sentido e, portanto, *absurdo*. Camus trabalha a perspectiva do *absurdo* como um encontro do homem para o mundo evidenciando a falta de sentido da existência. Diante disso, buscar-se-á nesta pesquisa demonstrar o pensamento do filósofo em relação a este fator primeiro ao mesmo tempo que buscar-se-á encontrar uma resposta para o *absurdo* na *revolta*. Portanto, esta pesquisa contemplará três capítulos, nos quais o primeiro abordará a vida, obras e influências filosóficas que corroboram para o pensamento do filósofo franco-argelino. No segundo capítulo evidenciará os aspectos do conceito de *absurdo* segundo a obra camusiana bem como seus efeitos nos indivíduos. Por fim, no terceiro e último capítulo, elucidará os aspectos da *revolta* como um caminho possível de superação *absurda* e encontro de resignificação para a vida.

Palavras-chave: Camus, Absurdo, Revolta.

O CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO NA ONTOLOGIA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Renan Rengel da Silva

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

O estudo metafísico, em toda sua conjuntura, é essencial para bem entender o pensamento de um filósofo, pois a perspectiva ontológica é capaz de conduzir o itinerário intelectual de um autor. Diante disso, o presente estudo tem por objetivo demonstrar a centralidade e originalidade do conceito de participação na filosofia ontológica de Santo Tomás de Aquino.

Para tal, a metodologia adotada neste trabalho consistirá em uma pesquisa de abordagem qualitativa e a estratégia será bibliográfica. Nesse intento, utiliza-se as obras mais expressivas do autor como bibliografia basilar e, paralelamente, faz-se uso das publicações de comentadores, artigos, monografias, dissertações e teses como auxiliares na elucidação do conteúdo. Rumo ao objetivo proposto, em um primeiro momento, considera-se Platão, Aristóteles e Boécio como influências expressivas do pensamento tomista. Em seguida, trata-se dos aspectos elementares da ontologia de Santo Tomás para, finalmente, explicitar o conceito de participação no interior de seu pensamento ontológico, destacando sua centralidade e originalidade. Conclui-se neste estudo que o conceito de participação é elementar para o sistema filosófico tomista, pois, à medida que salvaguarda a perfeita atualidade divina, a dependência real das coisas criadas e sua parcialidade ontológica, considera tanto a discrepância entre Deus e as criaturas quanto sua semelhança.

Palavras-chave: Participação; Ontologia; Tomismo.

DA BIOPOLÍTICA À PSICOPOLÍTICA: CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA NEOLIBERAL

Aureliano Guedes Filho

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

A presente comunicação procura apresentar o trabalho de pesquisa, cujo qual é titulado como “Da Biopolítica à Psicopolítica: Características da Filosofia Neoliberal”, faz uma análise das técnicas de poder que operaram em diferentes espaços sociais a partir do século XVIII. Para isso, utiliza-se a filosofia de Michel Foucault, que diz que estas técnicas tratam de um poder gerado sobre o corpo, denominando de ‘disciplinas’. Segundo Foucault a tecnologia das disciplinas efetiva-se por meio de processos complexos de dominação do corpo. Assim, com as complexas tecnologias das disciplinas, nasce o processo de desenvolver habilidades humanas específicas, que visam não somente o aumento das próprias habilidades, mas a formação de um mecanismo que torna o corpo obediente e útil. Por conseguinte, surge uma política de coerção que visa uma calculada manipulação dos elementos, comportamentos e gestos do corpo humano. Feita as análises foucaultianas, a pesquisa busca abordar uma outra dimensão do poder, que a partir do pensamento de outros filósofos mediante a ideia de Foucault sobre o poder, este passou a ser entendido não só como algo exterior do sujeito, mas também com uma dimensão interior ao corpo, algo que nos constitui. Neste intento, o trabalho aborda as perspectivas filosóficas de Judith Butler e Byung-Chul Han, estes que fazem uma análise psíquica do poder, de tal modo que se enfatiza a ideia de que o poder não só se constitui sobre o corpo individualizado ou sobre uma espécie massificante, cujos quais se denominam biopoder e biopolítica respectivamente, mas também se constitui na psique, esta dimensão que posteriormente é denominada de Psicopolítica.

Palavras chave: Biopoder; Biopolítica; Psicopolítica.

A CONDIÇÃO DA ANGÚSTIA EXISTENCIAL NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE HUMANA EM KIERKEGAARD

Lucas Pereira

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

De Copenhague para o mundo, o renomado pensador da existência, Søren Aabye Kierkegaard, que viveu 42 anos (1813-1855), fez da sua filosofia o seu modo de vida e seguiu um ideal claro. Como ele mesmo disse: “[...] a vida sempre me interessou mais por causa da razão e da liberdade; meu desejo sempre foi o de explicitar e resolver os enigmas da vida [...]”. Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso, intitulado *A condição da angústia existencial na construção da subjetividade humana em Kierkegaard*, se estrutura da seguinte maneira: No capítulo introdutório, *Um dinamarquês intempestivo*, apresenta-se como sua vida foi marcada por acontecimentos significativos que impulsionaram sua filosofia e seu modo de ser. Kierkegaard pode ser, com todo respeito, chamado de “dinamarquês intempestivo”. Contrariando o pensamento filosófico predominante do século XIX, ele abordou a existência como um fenômeno singular e individual, uma realidade única de cada ser humano. Para o dinamarquês, a existência resulta escolhas e compromissos pessoais, indo além das meras questões de conhecimento. Diante de uma existência que é um constante devir, o indivíduo se vê compelido a tomar decisões que definam sua própria vida. No segundo capítulo, *A condição existencial: o desespero e a angústia*, mostra-se a natureza do existente na visão kierkegaardiana, enfatizando que o ser humano não pode ser reduzido a sua constituição biológica, mas deve ser compreendido em sua totalidade, incluindo corpo, alma e espírito. Segundo Kierkegaard, a escolha é fundamental para a construção do eu, e é nesse contexto que o desespero se manifesta, resultante do confronto com as possibilidades e a responsabilidade que cada indivíduo carrega. A angústia, por sua vez, não é vista apenas uma emoção passageira, mas uma condição inerente à existência humana, que emerge da liberdade e das infinitas possibilidades que o ser humano enfrenta. Por fim, no último capítulo, *Os modos de viver a condição humana*, é elucidado como a angústia pode ser vista como um motor para a busca de significado e autenticidade na vida. Kierkegaard destaca que, em sua existência subjetiva o ser humano busca um modo de vida, o que o pensador chama de “estádios da existência”, para fugir da angústia, que é inerente à sua existência. Buscando esses três modos vida - o estético (prazeroso e momentâneo), o ético (racional e regido por leis) e o religioso (abandonando-se a Deus e cheio de sacrifícios) – o indivíduo tenta superar a angústia, mas essa não pode ser superada. Só a morte põe fim à angústia. Enquanto vivo, o ser humano é angustiado. Após esse percurso pela compreensão da existência humana sobre a ótica de Søren Aabye Kierkegaard, entende-se que a angústia existencial é uma condição essencial na formação da subjetividade humana e leva a uma existência concreta e autêntica do indivíduo.

Palavras chave: Kierkegaard; Angústia; Condição.

SENTIDO NO SOFRIMENTO: CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS ENTRE VIKTOR FRANKL E JOÃO PAULO II

Maurício Bibiana Sebastião

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

O objetivo principal desta comunicação é a apresentar o conceito de sofrimento na proposta antropológica de Viktor Frankl, destacando a importante contribuição da filosofia, apontada pelo autor. Destaca ainda, o valor do sentido diante desta experiência. Em seguida, se propõe um diálogo com a carta apostólica *Salvifici Doloris*, com intuito de perceber que, ainda que através de endereçamentos diferentes, ambos os autores atestam o sentido no sofrimento, como forma de enfrentar esta experiência inevitável. A metodologia incluída incluiu uma análise comparativa das obras de Frankl e dos escritos de João Paulo II, com foco em suas visões sobre a dignidade humana e o sofrimento. Além disso, o estudo conta com uma revisão da literatura filosófica sobre o tema, incorporando contribuições de pensadores como Sêneca, Schopenhauer e Nietzsche, que também abordaram o sofrimento em suas obras. Entre as principais contribuições do trabalho, destaca-se a abordagem de Viktor Frankl sobre a Logoterapia, que busca encontrar sentido mesmo nas situações mais adversárias. A experiência de Frankl em campos de concentração moldou sua visão sobre a resiliência humana e a busca de significado no sofrimento. Por outro lado, João Paulo II enfatizou a dignidade da pessoa humana e a espiritualidade como respostas ao sofrimento, destacando a importância da solidariedade e do amor ao próximo como formas de enfrentar e compreender essa realidade, utilizando-se do exemplo salvífico de Cristo. A discussão proposta no trabalho revela a intersecção entre as visões de Frankl e João Paulo II, demonstrando como ambos oferecem caminhos para a resignificação do sofrimento. É importante ressaltar que nenhum dos autores incentiva a busca pelo sofrimento ou mesmo que o sofrimento, masoquicamente, deve ser procurado pelo ser humano. No entanto, a experiência do sofrimento é inevitável. Sendo assim, é possível encontrar um sentido no sofrimento. Para Viktor Frankl este processo é imanente. Já para João Paulo II isso se apresenta em uma experiência de transcendência. Concluindo, o sofrimento, longe de ser apenas uma experiência negativa, pode ser uma descoberta para a busca de sentido e crescimento pessoal. Integrar as lições de Frankl e João Paulo II na vida individual e na sociedade é fundamental para promover uma cultura de esperança e solidariedade.

Palavras-chave: Sentido; Sofrimento; João Paulo II; Viktor Frankl.

O CUIDADO DO OUTRO NA ÉTICA DE MAX SCHELER

Adalberto Berns

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

Resumo: Conhecido por seu trabalho nos campos da fenomenologia, ética e antropologia filosófica, Max Ferdinand Scheler foi um notável pensador do século XX, que desenvolveu suas obras filosóficas em temas como a simpatia, o amor e respondendo questões acerca da pessoa. O presente trabalho teve como objetivo desenvolver a reflexão acerca do

cuidado, sob o horizonte ético da filosofia de Scheler. Para a realização deste trabalho foram utilizadas obras do próprio autor, bem como de comentadores que auxiliam a compreender o pensamento scheleriano. O cuidado do outro torna-se uma expressão concreta de amor, que serve de guia para um cuidado ativo e passivo pelo outro, manifestando o reconhecimento dos valores que o outro, como pessoa, possui e do qual, pela simpatia, pode-se ter uma conexão emocional. É o amor a força expansiva e central nas ações humanas, revelando o cuidado como um ato *ad perfectum*, que abarca quem cuida, o ato em si e a pessoa cuidada. A solidariedade e a corresponsabilidade moral entre indivíduos formam uma conexão essencial entre pessoas, livre de obrigações formais. Esses elementos permitem uma base ética e filosófica para o cuidado do outro.

Palavras-chave: Max Scheler; Cuidado; Outro; Amor; Simpatia.

HANS JONAS E O METAVERSO: IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS PARA O NOSSO TEMPO

Vitor Hugo Schmitz

(Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz, Brusque/SC, 6ª fase - 2024)

Resumo: Do último século ao presente, obteve-se um alto crescimento e desenvolvimento nas tecnologias, assumindo posição de destaque na sociedade contemporânea, consecutivamente tornando-se material de pesquisa filosófica. Neste contexto, surge a internet, no qual dentro desta, mais especificamente o *Metaverso*, um espaço virtual, um novo universo, onde as pessoas podem criar e interagir umas com as outras. No entanto, esse meio transformou-se em refúgio para algumas pessoas que fogem da realidade social desgastante, além de corroborar para problemas de saúde física e mental. Entretanto, isto não passa despercebido e levanta questões éticas complexas, onde utiliza-se do pensamento de Hans Jonas para encontrar um meio de auxílio na complexa situação. O primeiro capítulo da pesquisa trabalha sobre a vida e as influências de Jonas, bem como seu pensamento ético, o *princípio responsabilidade*. No segundo capítulo o trabalho continua com o pensamento jonasiano, só que através da técnica, o que engloba o metaverso, pois este pertence às técnicas modernas e é abordado nesta parte. Ao finalizar a pesquisa, no último capítulo coloca-se alguns fatos e ocorrências decorrentes do mal uso das tecnologias, especialmente do *metaverso*, logo após usa-se o *princípio responsabilidade* estudado como proposta solutiva, porque deve-se ter cuidado com a vida do próximo, pois esta é uma responsabilidade coletiva obrigatória.

Palavras-chave: Princípio responsabilidade. Metaverso. Hans Jonas.

Realização



Financiamento



Apoio Institucional

